A Liahona 26/6 junho 1973

Ver 'O EVANGELHO E OS ANIMAIS' pag. 38

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Presidente Harold B. Lee

Aos membros da Igreja de todas as nações, em toda a parte, dizemos — ficai firmes e dizei como faziam os santos britânicos:

"A obra de Deus é nossa; não podemos falhar,
Por ela, de todo o coração e forças trabalhar.
Com ele ao nosso lado, o que temer não temos.
Aqui nós viveremos, aqui o serviremos."

Aos santos fiéis de toda a parte e a todos os nossos amigos de coração sincero, dizemos:

Fazei vossas orações familiares, conservai fortes os vínculos domésticos e deixai que o amor transborde em vosso lar.

Vós, guardiães do Sacerdócio, não fracasseis no sagrado encargo de "zelar... pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los." (D&C 20:53)

E vós, líderes, ponde em pleno funcionamento todos os programas que dos céus nos foram enviados nestes dias, para deter a onda de iniqüidade que se derrama sobre a terra como uma avalancha.

Aliviai vosso fardo individual, líderes, intensificando as atividades de outros, para que assim todos sejam beneficiados.

Mas, acima de tudo, ensinai o Evangelho de Jesus Cristo com poder e autoridade, e continuai a prestar testemunho da missão divina de nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo.

E a vós, amigos de coração honesto e que buscais sinceramente a verdade, prestamos nosso solene testemunho de que "por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho" (3.ª Regra de Fé), conforme são ministradas pelos servos autorizados portadores das chaves da salvação, tanto para os vivos como para os mortos.

NESTE NÚMERO

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO 2
Presidente Harol B. Lee

A Vida De Grandes Homens 3

Pres. Harold B. Lee — Uma Apreciação 4
Gordon B. Hinckley

Pres. N. Eldon Tanner — ... 13
Hugh B. Brown

Pres. Marion G. Romney — ... 20
Spencer W. Kimball

Débora 23
Mary L. Lusk

De Um Amigo Para Outro 26
A. Theodore Tuttle

Piloto Sertanista 28
Linda R. Gundry

A Meio Caminho do Nada 35

Algumas Perguntas Cândidas... 36

O Evangelho e os Animais 38
Gerald E. Jones

Examinai As Escrituras 42

O Que As Escrituras Falam... 44
Robert J. Matthews

Humor Mórmon 47

Capa

A capa deste mês, foi feita especialmente para A LIAHONA. Mostrando como um homem ceifando trigo poupou um ninho de um pássaro. O artista Lyle Beddes exprimiu o respeito pela vida que todos deveríamos ter.

Veja "O Evangelho e os Animais" na página 38.

A Liahona 26/6 junho 1973

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Harold B. Lee
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

COMITE DE SUPERVISÃO
J. Thomas Fyans, Diretor-Gerente de Comunicações Internas; John E. Carr, Diretor de Distribuição e Tradução; Doyle L. Green, Diretor de Revistas da Igreja; Daniel H. Ludlow, Diretor de Materiais de Instrução.

EDITOR
Larry Hiller

EDITOR RESPONSÁVEL
Osiris G. Cabral

REDATOR
Wilson R. Gomes

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079 São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 15,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,50; exemplar atrasado: Cr$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A Vida De Grandes Homens

Existem muitas definições de grandeza. O mundo costuma medi-la em termos de fama, riqueza, poder e até mesmo de mera popularidade. A verdadeira grandeza, porém, é um atributo da alma e é melhor avaliada nas vidas que conseguiu tocar. A existência de um grande homem é constituída de integridade, serviço altruísta, devoção a Deus e à causa da verdade, aperfeiçoamento próprio e auto-domínio. Os grandes homens não buscam honras; são elas que os buscam.

Neste mês, dedicamos boa parte da revista à biografia de três grandes homens — Harold B. Lee, N. Eldon Tanner e Marion G. Romney — os componentes da Primeira Presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Os autores dessas biografias são as próprias Autoridades Gerais — homens que têm desfrutado uma íntima associação espiritual com aqueles que retratam.

Há alguns paralelos interessantes nas vidas do Presidente Lee, Presidente Tanner e Presidente Romney. Todos os três partiram de um início humilde. Eles sabem o que é ser pobre, ter que lutar para o sustento da família. São homens que trabalharam duramente; homens que confiaram no Senhor e o serviram. Outra semelhança é que têm vivido para seus semelhantes. Em conseqüência disto, embora nenhum deles procurasse honras, têm sido alvo delas.

O fato de que todos os três contam com uma herança pioneira, provavelmente merece não ser menosprezado. Existem santos dos últimos dias de primeira geração, possuidores de uma força e discernimento espiritual incomum, como há membros descendentes de valorosos antepessados pioneiros e que ainda assim se desviaram. A verdadeira diferença parece residir dentro da própria pessoa, se ela está ou não disposta a ser disciplinada e conduzida pela mão de Deus.

Estamos certos de que apreciarão ler a respeito da vida de três grandes homens a quem o Senhor levantou exatamente para os dias atuais. Eles são profetas de Deus e como tal são apoiados por nós.

Foi uma longa odisséia, daquele humilde sítio em Idaho até o grande e sagrado encargo de presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, recentemente confiado a Harold B. Lee. Tem sido uma jornada cheia de esperança e ansiedade, de lutas e tristezas, de sucessos arduamente merecidos, de fé cultivada e acalentada com carinho.

Presidente Harold B. Lee

Uma Apreciação

Por Gordon B. Hinckley

Harold B. Lee aos três anos e meio de idade.

A **história do presidente de Igreja,** Harold B. Lee, poderia ser esboçada em poucas linhas: **Nasceu em Clifton, Idaho, a 28 de março de 1899, como um dos seis filhos de Samuel Marion e Louisa Emeline Bingham Lee. Fez seus estudos na escola local, na Academia Oneida da vizinha Preston, na Escola Normal de Albion, Ohio, e posteriormente na Universidade de Utah. Começou a lecionar aos dezessete anos, com dezoito passou a diretor escolar, e mais tarde serviu como diretor de duas escolas no Condado de Lago Salgado, Utah. A 14 de novembro de 1923, desposou Lucinda Tanner, que veio a falecer a 24 de setembro de 1962. Contraiu segundas núpcias com Freda Joan Jensen, no dia 17 de junho de 1963.**

Gerenciou a empresa Foundation Press Inc., de 1928 a 1933. Serviu como comissário da Cidade de Lago Salgado de 1933 a 1937, quando se tornou diretor administrativo do programa de bem-estar da Igreja. Foi nomeado membro do Conselho dos Doze, a 6 de abril de 1941; presidente do Conselho dos Doze e primeiro conselheiro na Primeira Presidência, a 23 de janeiro de 1970; e a 7 de julho de 1972, ordenado e designado presidente da Igreja.

Estes são os marcos no caminho de sua vida, que merece ser examinada mais de perto.

Por mais que cresçam as outras cidades, Clifton continua pequena como sempre e afastada da linha tronco. Mas, com o passar dos anos, virá a ser mais conhecida como a terra natal do décimo primeiro presidente da Igreja.

O pai do Presidente Lee, Samuel Marion, chegou a Clifton proveniente de Panaca, outra cidadezinha rural no sul de Nevada. A mãe de Samuel (avó do Presidente Lee) falecera quando ele tinha apenas oito dias de idade, um bebê prematuro tão minúsculo que se podia enfiar um anel em sua maõzinha e braço, e tinha que ser alimentado com um conta-gotas. Uma tia materna vivia em Clifton e assim, aos dezoito anos, o rapaz foi para lá morar com a família dela.

Ali veio a conhecer Louisa Bingham, a jovem de cabelos e olhos escuros, com quem se casou no Templo de Logan. A casa em que foram morar e onde nasceram seus seis filhos, situava-se a uns cinco quilômetros ao norte da cidade, por uma estradinha de terra — poeirenta no verão, bloqueada pela neve no inverno e coberta de lama na primavera e outono. O hospital mais próximo ficava a muitos quilômetros de distância, o mesmo acontecendo com o médico. Assim, a "tia" Susan Henderson costumava servir de parteira.

Foi ali que Harold se criou, descalço e de macacão, como todo e qualquer rapaz da roça. Havia o laguinho dos Dudley para se nadar, mas não aos domingos. O

pai servia no bispado, a mãe na AMM-Moças — e o domingo era sagrado. Num outro laguinho semelhante, na fazenda dos Bybees, Harold B. Lee foi batizado.

O dinheiro era terrivelmente escasso naqueles dias. A fazendola produzia com fartura , mas os cereais e batatas rendiam pouco. O pai aumentava a receita familiar empreitando colheitas de cereais, abertura de poços e construção de canais de irrigação. Mas os garotos Lee não sabiam que eram pobres. O lar e a Igreja forneciam-lhes as oportunidades de entretenimento. O tesouro da casa era o piano. Uma senhora escocesa, perita em acertar os nós dos dedos ao som de uma nota errada, ensinou-o a tocar.

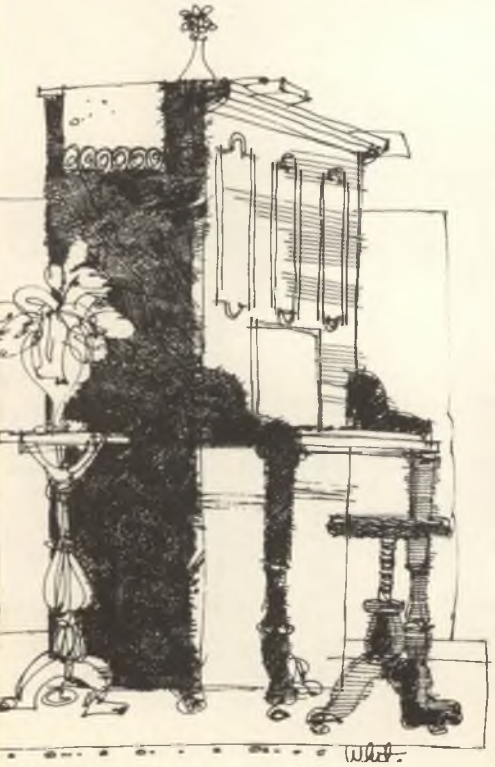
Harold era particularmente afeiçoado ao piano, e é interessante notar como o amor à música, cultivado durante os anos de infância, mais tarde encontrou aplicação quando serviu como presidente do Comitê de Música da Igreja.

Uma carreta puxada a pônei, geralmente conduzida pela mãe, levava as crianças até a escola distante uns três quilômetros. Ela oferecia pouco abrigo, quando o vento gelado do norte uivava em janeiro, e a lama tornava-se um problema na época do degelo. Mas assim era a vida em Clifton. Como o Presidente Lee comenta: "Tínhamos tudo o que o dinheiro não pode comprar."

Quando terminavam o último ano da escola local, os rapazes "saiam de casa", a fim de freqüentar a Academia Oneida, escola secundária administrada pela Igreja em Preston, a longos vinte e quatro quilômetros de distância. Harold tinha então treze anos e ali conheceu primeiro Ezra Taft Benson. Depois, seguiu-se a Escola Normal Estadual de Albion, no lado oposto de Idaho, onde, aos dezessete anos, Harold B. Lee diplomou-se professor. Foi um dia de orgulho para ele e seus familiares. A junta educacional do distrito ofereceu-lhe um emprego de professor na pequena Escola Silver Star, de uma só sala, localizada entre Dayton e Weston, não muito longe de Clifton.

Nos fins de semana, ele viajava os dezesseis quilômetros até em casa a cavalo. Aquele emprego serviu de treinamento para uma oportunidade melhor com maiores responsabilidades. No ano seguinte, a junta nomeou-o diretor da Escola Oxford, já com quatro salas. Era uma grande oportunidade para um rapaz de dezoito anos. Ele vencia os seis quilômetros e meio no lombo de um cavalo todos os dias, com chuva ou sol, frio ou calor. Com seu talento e conhecimentos musicais, e sua perícia no basquete, identificou-se com as atividades comunitárias nas horas de lazer. Foi naqueles tempos, quando o pai servia como bispo, que Harold teve um primeiro vislumbre do programa de bem-estar da Igreja, da forma que viria a ser conhecido mais tarde. Exatamente como agora, o bispo era então responsável pela assistência aos necessitados. O Bispo Lee mantinha seu próprio armazém, que era abastecido por sua despensa particular. À noite, a família às vezes o via saindo com um saco de trigo para destino ignorado, pois o atendimento a necessitados era estritamente confidencial, a fim de se evitar falatório, com conseqüente embaraço para os que necessitavam de assistência.

Então como agora, cabia também ao bispo a prerrogativa e responsabilidade de recomendar rapazes para



O Presidente Lee aos cinco anos (acima); (à esquerda) com 19 anos, como diretor da Escola Oxford, em Idaho; (página oposta, altos) com seu parceiro de debates de 1915-16, Sparrel Huff.

uma missão. Harold estava agora com vinte e um anos, tendo lecionado durante quatro, quando recebeu o chamado do Presidente Heber J. Grant, para servir na Missão dos Estados Ocidentais.

Os arquivos confidenciais do Departamento Missionário da Igreja guardam um relatório para a Primeira Presidência sobre o Élder Lee. É datado de 30 de dezembro de 1922 e assinado pelo Presidente John M. Knight, dando o período de sua missão 11 de novembro de 1920 a 18 de dezembro de 1922. Em seguida, responde a diversos quesitos: "Qualificações — Como orador: 'Muito bom'. Como oficial presidente: 'Bom'. Possui bom conhecimento do Evangelho? 'Muito bom'. É enérgico? 'Muito'. É discreto e exerce boa influência? 'Sim'. Observações: 'O Élder Lee presidiu à Conferência de Denver, com notável distinção, de 8 de agosto de 1921 a 18 de dezembro de 1922. Um missionário excepcional.'"

Na mesma época, havia na missão uma jovem da Cidade de Lago Salgado de nome Fern Lucinda Tanner, considerada pelos colegas como moça inteligente, bonita e excepcional estudiosa das Escrituras. Ao ser desobrigado, o Élder Lee retornou a Clifton só por breve tempo, transferindo-se depois para a Cidade de Lago Salgado, a fim de encontrar e cortejar a garota que tanto admirara, à distância, no campo missionário. Cerca de onze meses após seu retorno, eles casaram-se no Templo de Salt Lake.

O casal teve duas lindas filhas, Helen e Maurine. O lar dos Lee era o ponto de encontro da juventude da cercania. As maneiras gentis da Irmã Lee e sua habilidade em lidar com situações difíceis granjeavam-lhe estima geral. Em certa ocasião, ela silenciou duas pessoas eminentes que estavam criticando um colega, dizendo: "No empenho de serem justos, não se esqueçam de ser bondosos."

Maurine, Sra. Ernest J. Wilkins, faleceu em 1966, enquanto o pai se achava no Havaí, a serviço da Igreja. Helen, Sra. Brent L. Goates, tem servido como presidente da Sociedade de Socorro da ala e atualmente se identifica com essa organização onde, como professora, pode manter-se ligada aos filhos mais moços.

As qualidades que o tornaram diretor de duas escolas aos dezoito anos foram mais uma vez reconhecidas. Aprimorando sua educação na Universidade de Utah, foi nomeado diretor primeiro da Escola Whittier e depois da Escola Woodrow Wilson, no Condado de Lago Salgado.

Os empregos nas férias de verão incluíram a venda de livros, e, em 1928, a empresa editora Foundation Press, Inc. persuadiu-o a tornar-se seu gerente para os estados situados nas Montanhas Rochosas (Utah, Idaho, Wyoming etc.). Com a morte de um dos comissários da Cidade de Lago Salgado em 1932, ele foi nomeado membro da Comissão Municipal, e no ano seguinte eleito para mais um mandato.

Desenho retratando o Presidente Lee como missionário nos Estados Ocidentais, 1921.

Depois do casamento, passou a residir na Estaca Pioneer, onde cumpriu variadas e seguidas designações da Igreja. Então, em 1929, foi nomeado conselheiro na presidência da estaca. Um ano depois, foi chamado como seu presidente. Tinha então trinta e um anos, o mais jovem presidente de estaca em toda a Igreja.

A depressão espreitava o país e o mundo. As ações caíam vertiginosamente. O crédito desmoronou. Bancos fechavam com perda de milhões de dólares de poupanças. Os índices de desemprego cresceram de modo catastrófico. Vendo sumir o resultado de anos de labuta, homens cometiam suicídio. Surgiam as distribuições de sopa, as filas de pão. Havia desânimo e tragédias. Na Estaca Pioneer, mais da metade dos membros se encontrava sem emprego.

Ali estava um desafio, um desafio terrificante para o jovem presidente de estaca. Vendo homens antes altivos e prósperos, reduzidos à condição de não poderem sustentar a família por falta de trabalho, ele se preocupava, ele chorava, ele orava. Veio então a inspiração de estabelecer um armazém para estocar mantimentos e utilidades e posterior distribuição aos necessitados. Foram criados projetos de trabalho não só para melhoramento da comunidade como, o mais importante, prover aos homens uma oportunidade de trabalhar pelo que recebiam. Foi demolido um velho edifício comercial e os materiais usados na construção de um ginásio da estaca, destinado a proporcionar um local para atividades sociais e recreativas do povo.

Outras estacas estavam engajadas em projetos semelhantes, e em abril de 1936, foram todos reunidos, formando o que o Presidente Heber J. Grant denominou, a princípio, o programa de segurança da Igreja, atualmente conhecido como programa do bem-estar.

Harold B. Lee, o jovem líder da Estaca Pioneer, foi chamado para pilotar o recém lançado barco pelas águas turbulentas daqueles dias de desespero e provação. Os problemas eram monumentais. Já era bastante difícil conseguir propriedades agrícolas para produção de mantimentos e criar instalações de beneficiamento e estocagem. Mas pior ainda era a atitude crítica do povo diante do que a Igreja estava fazendo, achando que a assistência social devia ser de competência exclusiva do governo.

Ginásio da Estaca Pioneer, construído em 1933, sob a liderança do Presidente Lee e que, em 1954, recebeu o seu nome.

Porém, com preces e persuasão, com suor e lágrimas, e com a bênção daquele que tinha como profeta, ele andava de lá para cá por todas as estacas de Sião, e o programa acabou tomando forma, cresceu e prosperou.

Os vastos recursos do programa de bem-estar de hoje — dezenas de fazendas em plena produção, usinas de benefiicamento e fábricas de conservas, silos e moinhos, e outros projetos espalhados por grande parte da América do Norte — são uma impressiva projeção daqueles primeiros esforços. Enquanto os programas de assistência social do governo estão sob constante crítica, o da Igreja é continuamente aplaudido no mundo inteiro. Os contribuintes deixaram de pagar milhões de dólares, em virtude dos encargos sociais assumidos pela Igreja. Milhares de homens e mulheres têm encontrado empregos rendosos, inclusive numerosos semi-incapacitados a quem se deu oportunidade de ganhar seu próprio sustento. Aos que foram assistidos pelo programa, poupou-se "a maldição da ociosidade e a aflição de receber esmola", presevando-lhes, assim, a dignidade e respeito próprio. E aqueles milhares e milhares de homens e mulheres que não necessitaram de ajuda direta, mas colaboraram no cultivo e beneficiamento de alimentos e em dezenas de empreendimentos correlatos, prestam testemunho da alegria encontrada no serviço em favor de seus semelhantes.

Ninguém que presencie as vastas implicações e tremendas conseqüências desse programa poderá, em sã consciência, duvidar do espírito de revelação que o inspirou e que tem ampliado seus benéficos resultados práticos. Não se pode deixar de dar crédito pela maneira inspirada com que foi dirigido pelo Presidente Harold B. Lee, seu primeiro diretor superintendente e que, por muito tempo, presidiu o Comitê de Bem-estar da Igreja. Em sua modéstia, ele por certo o negaria, e com razão, pois na verdade o crédito cabe ao Senhor. Nosso Senhor, ao magnificar seu servo, reconheceu sua dedicação e fé.

Interessante é notar que o segundo conselheiro do Presidente Lee, Presidente Marion G. Romney, colaborou intimamente com ele naqueles primórdios do programa,

Foto inferior: A família Lee em 1941 — Irmã Fern Lee, Helen (Goates), Maurine (Wilkins), e o Élder Lee do Conselho dos Doze. Nesta página, altos: O Irmão Lee em 1938, como primeiro diretor do Comitê de Bem-estar da Igreja, com seus consultores — os élderes Albert E. Bowen, Melvin J. Ballard e John A. Widtsoe, e o Irmão Henry D. Moyle (atrás). Meio: O Comitê de Bem-estar da Igreja em 1937 — Élder Melvin J. Ballard, Robert L. Judd, Henry D. Moyle, William E. Ryberg, Harold B. Lee, Theodore DeBry, Campbell M. Brown, Stringham A. Stevens, Bispo Marvin O. Ashton, Kate Barker. Embaixo: O Presidente Heber J. Grant com o Presidente Lee, então presidente da Estaca Pioneer, no programa de pais e filhos de 1934.

sucedendo-o como diretor superintendente. Os dois haviam-se conhecido anos antes, de maneira bem informal. No dia do primeiro encontro, ambos estavam de macacão, fazendo serviço braçal. Desde aí, formam uma excelente equipe de trabalho.

Remontando um terço de século, pode-se ver a mão do Senhor moldando seu servo para receber o sublime manto recentemente colocado sobre seus ombros. Após ter sido testado no fogo daqueles primeiros tempos exasperantes do programa de bem-estar da Igreja, o Élder Lee foi chamado ao apostolado pelo Presidente Heber J. Grant, e apoiaram-no membro do Conselho dos Doze, no dia 6 de abril de 1941.

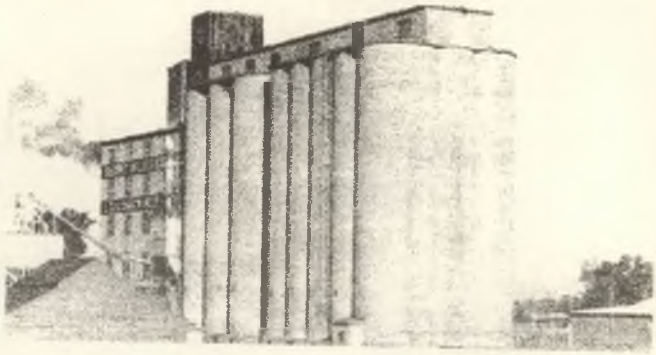
Na época dessa sua indicação, o Élder John A. Widtsoe escreveu num editorial sobre seu novo colega: "Ele é imbuído de fé no Senhor; rico em amor aos seus semelhantes, leal para com a Igreja e o Estado; abnegado em sua devoção ao Evangelho; bem dotado de inteligência, energia e iniciativa; possui o dote de pregar com vigor eloqüente a palavra e a vontade de Deus. O Senhor a quem recorre em busca de ajuda torná-lo-á um poderoso instrumento para levar avante o eterno plano de salvação humana... Ele receberá forças muito além do que jamais conheceu, à medida que as preces do povo em seu favor ascenderem ao Senhor." **(Improvement Era**, Maio de 1941, p. 288.)

São expressões de reconhecimento honesto, e palavras de profecia.

Sua história nos últimos trinta e um anos é de devocação à grande, sagrada responsabilidade de apóstolo, cujo chamado particular é ser uma testemunha especial "do nome de Cristo no mundo todo".

Em cumprimento de tal encargo, ele visitou, quando designado pela Primeira Presidência, muitas partes da terra, elevando sua voz em eloqüência, em proclamação da divindade do Redentor do mundo.

Ele costuma citar estas palavras de Paulo aos coríntios: "Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?" (I Cor. 14:8) Não tem havido nada de incerto na mensagem de Harold B. Lee. Sem nenhum equívoco e com aquela certeza nascida da segura convicção, presta testemunho a grandes e humildes no mundo todo, em palavras que têm sido traduzidas em dezenas de línguas. Jamais descurou de seu dever, como servo de Deus, de prestar testemunho da verdade. Missionários foram motivados a um empenho maior, membros da Igreja viram crescer-lhe o propósito de viver o Evangelho, investigadores "compungiram-se em seu coração", ouvindo o seu testemunho. Ele não se tem poupado e cumpre um rigoroso programa de trabalho, mesmo com risco para a própria saúde. Os mais achegados a ele sabem que durante meses viveu quase sempre com dores. Felizmente o mal já foi remediado, e agora, aos setenta e três anos de idade, carregando fardos quase que insuportáveis, encontra-se com ótima saúde; porém, sua convivência com a doença aguçou sua sensibilidade para com o sofrimento alheio. Ele tem viajado por lugares próximos e distantes, a fim de encorajar e abençoar os santos. Em muitas terras, existem os que, reconhecidos, testificam do miraculoso poder do Sacerdócio exercido em favor deles por esse servo do Senhor.



Mostra-se igualmente sensível à solidão, aos temores e desafios com que se defrontam os homens no serviço militar. Durante os anos da II Guerra Mundial, dos conflitos na Coréia e na Ásia, dirigiu o programa para militares da Igreja. Tem-se expressado constantemente aos companheiros quanto à necessidade de facultar aos que servem no exército o programa completo da Igreja, com todas as bênçãos e oportunidades dele decorrentes. Tem viajado por mares e terras, para encontrar-se com os membros da Igreja em serviço militar. Em 1955, esteve na Coréia, quando esta era praticamente um campo armado e enfiado em uniforme de campanha, foi visitar nossos homens naquela triste nação em pé de guerra. Aqueles com quem falou jamais esquecerão sua bondade, seu interesse ou seu testemunho do poder controlador de Deus nos negócios dos homens. Ele os confortou, renovou sua confiança, salvou muitos de resvalar para situações trágicas.

Élder Lee com o Presidente George Albert Smith.

"Ele é imbuído de fé no Senhor;
rico em amor aos seus semelhantes,
leal para com a Igreja e o Estado;
abnegado em sua devoção ao Evangelho;
bem dotado de inteligência,
energia e iniciativa;
possui o dom de pregar com vigor eloqüente
a palavra e a vontade de Deus.
O Senhor a quem ele recorre
em busca de ajuda fará dele um
poderoso instrumento para
a salvação humana."

Tem confortado os enlutados. Conhece por experiência própria a dor da perda de entes queridos. Ele estava longe da Cidade de Lago Salgado numa conferência de estaca, quando sua amada companheira ficou entre a vida e a morte. Viajou a noite inteira para ficar ao lado dela, mas chegou apenas a tempo de vê-la partir. Os que com ele conviveram naqueles dias sombrios após o passamento dela, puderam sentir em parte, ainda que pequena, as profundezas da dor que atravessava. Isto foi em 1962. Em 1966, sua amada filha Maurine foi arrebatada pela morte, enquanto o Élder Lee se achava no Havaí a serviço da Igreja. Ela deixou quatro crianças.

Essas lancinantes experiências, tão difíceis de suportar, serviram para que lhe aguçasse a sensibilidade aos fardos alheios. Os que tiverem que suportar perdas semelhantes têm encontrado nele um amigo compreensivo, e cuja fé, já posta à prova, torna-se-lhes uma fonte de força.

Em 1963, desposou Freda Joan Jensen, que complementou sua vida de maneira notável. Instruída e refinada, ela sente-se à vontade nos melhores círculos sociais. É uma mulher de realizações pessoais incomuns. Educadora capacitada, ela primeiro lecionou e depois, galgando vários postos administrativos, chegou a supervisora da educação primária no Distrito Escolar Jordan, do Condado de Largo Salgado. Serviu também na junta geral da Associação Primária. O lar que ela administra tem sido um refúgio de paz para o esposo e local de deliciosa hospitalidade para todos os que tiveram o privilégio de ali conviver.

O Presidente David O. McKay, reconhecendo seu profundo conhecimento dos programas da Igreja e comprovada capacidade administrativa, nomeou o Élder Lee para presidir um comitê de correlação, destinado a coordenar todo o currículo da Igreja. Disso, adveio um exaustivo reexame de todos os cursos adotados no decorrer de muitos anos, juntamente com uma análise de todas as organizações e recursos didáticos. O amplo trabalho executado sob a sua direção resultou num currículo correlacionado que visa transmititr conhecimento de todos os aspectos das atividades e doutrina da Igreja, e promover a espiritualidade entre os membros. O vigor da sua liderança evidenciou-se neste empreendimento. Tem mão firme e objetivos claramente definidos. A Igreja inteira é beneficiária de seus serviços.

Com a morte do Presidente McKay e a sucessão de Joseph Fielding Smith na presidência da Igreja, o Élder Lee tornou-se presidente do Conselho dos Doze, sendo escolhido pelo Presidente Smith como seu primeiro conselheiro. Embora isto fizesse necessário desobrigá-lo da diretriz de algumas de suas atividades anteriores, os objetivos continuaram os mesmos sob sua liderança geral. Foram instituídos programas para melhorar a eficiência dos professores em toda a Igreja. Um programa de treinamento para bispos foi posto em operação, e reforçado o programa missionário de âmbito mundial.

Enquanto dava ímpeto a esses e muitos outros empreendimentos, suas excelentes qualidades de administrador eram reconhecidos em outros campos. Ele foi indicado como membro da junta de diretores da Cruz Vermelha Americana. Foi solicitado a servir como diretor da Equitable Life Assurance Association of America (Uma sociedade de seguros. N. do T.), da Union Pacific Railroad (Empresa ferroviária. N. do T.) e de outras corporações empresariais. Em virtude desses cargos, tem convivido com homens eminentes dos círculos governamentais, empresariais, educacionais e outros campos. Conta entre seus amigos chegados esses homens que dão valor ao seu julgamento e apreciam suas relações com ele. As três principais universidades localizadas em Utah — Universidade Brigham Young, Universidade de Utah e Universidade Estadual de Utah, todas conferiram-lhe títulos honorários. Educadores de várias partes do país encontraram nele um amigo compreensivo. É natural que o homem que começou a lecionar em escola pública aos dezessete anos sinta tal compreensão e apreço.

Presidente Smith e Presidente Lee.

O Presidente Lee e a irmã Freda Joan Lee.

Quando o Presidente Joseph Fielding Smith passou mansamente desta vida para a morte, na noite de 2 de julho de 1972, não houve dúvida na mente dos membros do Conselho dos Doze sobre quem deveria sucedê-lo na presidência da Igreja. Na manhã de 7 de julho, uma sexta-feira, reuniram-se nos sagrados recintos do Templo de Salt Lake. E ali, naquele lugar tranqüilo e santo, eles buscaram, com coração submisso, os sussurros do Espírito. Todos os corações reagiram uníssonos aos sussurros. Harold Bingham Lee, eleito do Senhor, instruído desde a infância nos princípios do Evangelho Restaurado, refinado e polido por trinta e um anos de serviço no apostolado, foi nomeado presidente, profeta, vidente e revelador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. As mãos de todos os presentes foram colocadas sobre a sua cabeça, sendo ordenado como o ungido do Senhor para esse alto e incomparável chamado.

Apoiado pela fé e pelas orações dos santos em todo o mundo, ele ergue-se como o sumo sacerdote presidente do reino de Deus na terra.

Presidente N. Eldon Tanner

Um Homen Íntegro

Por Hugh B. Brown

O **Presidente Tanner é grandemente respeitado e admirado** dentro e fora da Igreja. Poderia parecer que o Senhor o talhou para seu presente posto de liderança, quando se observa sua escala da constante e firme de um ponto de partida mais que modesto. Em seus feitos, havia um prenúncio de futura grandeza.

Eldon nasceu a 9 de maio de 1898, como primogênito de Nathan William Tanner e Sarah Edna Brown Tanner, que haviam emigrado de Utah para o Canadá em carroção coberto, a fim de colonizar terras cedidas pelo governo. A primeira moradia deles foi um rústico abrigo cavado na encosta de uma colina e reforçado com troncos, uns nove quilômetros e meio ao sul de Cardston. Entretanto, não foi ali que Eldon nasceu; Sarah voltou à Cidade de Lago Salgado, a fim de aguardar o nascimento do primeiro filho na casa de sua mãe.

Naquela época, eu era um rapaz de catorze anos. Haviam chamado o Dr. Ellis Shipp, que estava demorando a chegar. Naqueles tempos, os meios de transporte eram a charrete ou o cavalo. Por isso, mamãe mandou que eu me lavasse esfregando bem, pois talvez tivesse de ajudar a trazer ao mundo uma nova alma. Mas, para grande alívio meu, o Dr. Shipp chegou justamente a tempo de fazer o parto. Minha primeira recordação de Eldon é seu vagido ao nascer, enquanto eu esperava para ajudar, se necessário. Desde aquele momento, existe um laço entre nós, pois instintivamente reconheci nele um filho da promessa.

N. Eldon Tanner, aos quatro anos de idade aproximadamente, em Cardston.

Eldon teve uma infância feliz, porém repleta de numerosas responsabilidades. Sendo o mais velho de oito irmãos, esperava-se que desse um bom exemplo para os menores. Não obstante, ele admite ter sido um garoto normal, sujeito às mesmas tentações que os demais. Certa ocasião em que seu pai, um bispo, teve que ausentar-se por diversas horas, ele determinou as tarefas que os meninos deviam fazer durante a sua ausência.

Após a partida do pai, os garotos resolveram divertir-se, montando alguns novilhos num curral ali perto. A coisa estava tão boa, que não perceberam o passar das horas até a volta do pai. Mas em lugar de repreendê-los ou aplicar "enérgico corretivo com vara de salgueiro, ele chamou Eldon de lado e, olhando-o bem dentro dos olhos, falou:

— Filho, pensei que pudesse confiar em **você.**

Isto foi castigo bastante, e ali mesmo, ele decidiu que nunca mais o pai precisaria repetir a reprovação.

Bem jovem ainda, ele aprendeu as

virtudes da auto-confiança e da determinação de executar um trabalho aparentemente impossível. Como garoto, já dirigia pesada carroça puxada a quatro cavalos, transportando cereais até o silo, muitas vezes em meio às prematuras tempestades de neve, características da região. Aprendeu o valor do trabalho árduo na fazenda, tendo como regra, durante toda a vida, dedicar atenção plena à tarefa a ser executada.

Um incidente ocorrido quando tinha aproximadamente quinze anos, reflete seu caráter. Enquanto arrebanhava gado, foi lançado do cavalo. Ao pôr-se novamente de pé, descobriu que três dedos da mão esquerda estavam fraturados junto à articulação e dobrados para trás, sendo que, no dedo médio, o osso perfurara a carne. Com sua coragem característica, ele agarrou firmemente os dedos, esticou-os, reduzindo a fratura, montou no cavalo e foi procurar o médico, que se maravilhou com a bravura do rapaz. Os ossos estavam todos no devido lugar, faltando só o clínico suturar o ferimento.

Mesmo como menino, ele assumia responsabilidades acima de sua idade. Certa vez, em que a família inteira estava de cama com varíola, ele cuidou sozinho de todos, ficando três dias e duas noites sem dormir um minuto. Ninguém da vizinhança ousava entrar na casa por medo de contágio.

Ainda que seus estudos fossem freqüentemente interrompidos pelas colheitas e outras lides agrícolas, os pais estavam decididos a dar-lhe uma boa educação. Completou o nono ano (Equivalente mais ou menos ao quarto ginasial. N. do T.) na cidadezinha de Aetna; os dois anos seguintes estudou na Academia Knight, em Raymond. Posteriormente, fez um curso de seis meses na Escola Normal Calgary, ganhando o próprio sustento, trabalhando num açougue e mercearia.

Em 1919, recebeu duas ofertas de trabalho. Uma, para lecionar em Hill Spring, perto da casa dos pais, e a outra, embora um tanto distante, bem mais tentadora, pois oferecia salário melhor. Seu amor à família e à Igreja pesou na balança e fê-lo aceitar o cargo de diretor e professor na escola de três salas de Hill Spring.

Foi ali em Hill Spring que, em resposta aos seus sonhos e orações, apaixonou-se pela encantadora professorinha de olhos castanhos, chamada Sarah Isabelle Merril. Casaram-se no dia 20 de dezembro de 1919, e mais tarde, foram selados para a eternidade no Templo de Alberta, quando este foi dedicado em 1923.

Naquele primeiro ano de professorado, ele dava aulas no sétimo e oitavo ano. Como não havia o curso colegial em Hill Spring, ministrava um curso adicional por ano, até que seus primeiros alunos do oitavo ano tivessem completado o currículo do décimo primeiro ano. Todos os anos (excetuando um aluno), seus pupilos conseguiram cem por cento nos rígidos exames exigidos pelo governo para a promoção.

No outono de 1922, Eldon e seus seis alunos aprovados deixaram Hill Spring para cursarem juntos o último ano do curso colegial, em Cardston. Estes tiveram, assim, a singular experiência de se formarem no curso secundário, junto com seu antigo mestre. No ano seguinte, ele reassumiu seu cargo de professor em Hill Spring.

Aqueles foram anos de depressão, e os professores eram muito mal pagos, fazendo com que o casal

À direita: A primeira casa e primeira filhinha dos Tanner, em 1921. Abaixo: O Presidente Tanner com sua esposa, poucos meses após o casamento, quando ambos ainda lecionavam.

Tanner necessitasse suplementar sua exígua renda. Assim, venderam a única coisa de valor que possuíam, um elegante e novo **sedan** Ford. Utilizando esse dinheiro como entrada, compraram uma pequena loja rural que geriam paralelamente ao trabalho de ensino. As lojas rurais daqueles tempos vendiam tudo, desde fazendas até maquinaria agrícola, e o negócio prosperou tanto, que Eldon Tanner deixou o magistério, a fim de cuidar exclusivamente da loja e da agência postal. Ele próprio fazia o transporte de mercadorias de Lethbridge e Cardston.

Em seguida, o Presidente Tanner ocupou o cargo de Professor do segundo ciclo secundário em Cardston, para onde levou sua família. Durante os oito anos que viveu em Cardston, fez parte do conselho municipal, foi diretor de escola elementar, escoteiro chefe, conselheiro de bispo, e depois bispo da Ala I de Cardston.

Sua humildade e aptidão para liderança tornaram-se patentes, enquanto servia como conselheiro no bispado e supervisor do quorum de diáconos. Alguns dos rapazes não estavam freqüentando as reuniões, e ele logo descobriu o motivo, quando os visitou em casa. Eles não tinham roupa domingueira e sentiam-se embaraçados em aparecer de macacão. No domingo seguinte, de acordo com o combinado, ele os encontrou na reunião do Sacerdócio, metido num macacão. Supérfluo dizer que conquistou a estima daqueles garotos, e logo estavam todos plenamente ativos.

Durante aquele tempo, suplementava seu salário de professor, vendendo apólices de seguro e confecções masculinas. Tinha também vacas leiteiras, e as duas filhas maiores faziam a entrega diária do leite, caminhando através da neve alta com garrafas de leite amarradas em torno da cintura e pendentes dos ombros. A Irmã Tanner confeccionara todas as roupas para as cinco filhinhas, e todos mantinham-se sempre ocupados naquela casa. Segundo comenta sua filha Ruth: "Naqueles anos de depressão, todas as outras crianças pareciam sentir a pobreza, mas nós nunca — estávamos por demais atarefadas".

Foi assim que o Presidente Tanner desde cedo instilou em suas filhas a importância do trabalho árduo e da responsabilidade. Disciplinar as filhas às vezes incluía umas palmadas, mas geralmente restringia-se a um simples olhar severo. Ruth recorda-se de ter pensado: "Não posso fazer isso. Papai poderia **olhar** para mim!" Todas as cinco garotas adoravam-no; e, embora fosse ele o disciplinador, estava sempre pronto a elogiar e a confortá-las, quando estavam magoadas ou doentes.

Ainda que não costume demonstrá-lo publicamente, seu amor e apreço pela esposa evidenciam-se num olhar ou um toque de mão, ao passar pela cadeira que ocupa, a caminho da tribuna no Tabernáculo. Ela é uma fonte de grande conforto e força para ele.

Em 1935, um novo partido político ganhava projeção na Província de Alberta, e o Presidente Tanner foi persuadido a candidatar-se a um cargo político, sendo eleito para a legislatura na administração do crédito social. Isto exigia que a pequena família se transferisse de Cardston para Edmonton, e a mudança se fez somente depois que ele e a esposa submeteram o assunto à minuciosa e piedosa consideração. Foi nomeado presidente da assembléia, embora jamais tivesse presen-

ciado uma sessão de câmara legislativa. Provou seu gênio e capacidade de organização e eficiência, presidindo aquele augusto corpo de sessenta e três membros. Estudou dia e noite, procurando familiarizar-se com os procedimentos parlamentares. Diz ele que a sua vida inteira parece ter sido, principalmente uma série de atribuições para as quais não estava preparado, cada uma delas obrigando-o a superar-se.

Sua capacidade e grande potencial foram notados pelo Sr. Aberhart, **premier** de Alberta, o qual, em dezembro de 1936, convidou-o a integrar seu gabinete. O Presidente Tanner achou que seria encarregado das pastas da Educação ou Negócios Municipais. Foi, no entanto, nomeado para o Ministério de Terras e Minas, posteriormente desdobrado em duas pastas, Minas e Minérios, e Terras e Florestas. Como ministro desses dois departamentos, era responsável pela administração de todos os recursos naturais, incluindo as vastas reservas de hidrocarboneto de Alberta — um gigante adormecido.

Grandes oportunidades desenrolavam-se não só diante do Presidente Tanner como também para a província, quando começou a organizar um programa de defesa. Ele introduziu uma legislação que se tornou protótipo para outras províncias canadenses e mesmo para outros países. Ajudou a fazer de Alberta a única província canadense livre de dívida pública.

O casal Tanner desincumbiu-se de seus numerosos compromissos e responsabilidades sociais com calorosa e afável dignidade, conquistando muitos amigos para si e para a Igreja.

Granjearam admiração e respeito de muitas pessoas influentes, homens e mulheres, no Canadá e na Grã-Bretanha. Na Inglaterra, foram hóspedes do falecido Duque de Windsor a convite dele, encontrando-se também com lorde Beaverbrook e outros altos dignitários governamentais. Tiveram a honra de passar em revista os escoteiros do sul de Alberta com a Princesa Elizabeth. Posteriormente, quando já era rainha, jantaram com ela e o Príncipe Philip. Foram hóspedes do governo de Barbados, Índias Ocidentais, durante um mês, a fim de assessorar a legislação referente a petróleo e gás.

Altos: O Irmão Tanner (à direita) em 1939, em viagem à Inglaterra, como encarregado do Ministério de Minas e Minérios de Alberta.
Página oposta, altos: Em janeiro de 1949, numa reunião de escoteiros em Lethbridge, na qual N. Eldon Tanner estava sentado ao lado de um dos rapazes. Falando ao grupo, o oficial presidente pediu que os dois ficassem de pé. "Isto é o que temos," disse, indicando o escoteiro. "E isto é o que queremos que venha a ser," concluiu, apontando para o Presidente Tanner. Embaixo: Foto tirada na década de 1940, quando servia simultaneamente em duas pastas ministeriais.

Durante toda a vida, N. Eldon Tanner tem-se mostrado de inabalável lealdade e devotamento aos princípios do Evangelho. Durante os dezesseis anos de serviço público em Edmonton, foi presidente do ramo local da Igreja, que a princípio tinha apenas quinze membros, reunidos numa pequena sala de segundo andar, alugada. Foi um evento memorável para os trezentos e cinqüenta santos a construção de sua primeira capela, e todos nós nos regozijamos, quando se ergueu o belo edifício do instituto que serviria aos membros da Igreja que freqüentavam a universidade local. Metido em roupas de trabalho, ele labutou lado a lado com os outros irmãos. Não havia nada servil demais para ele, se devesse ser feito. A Irmã Brown e eu vivemos em Edmonton por mais de um ano durante sua gestão como presidente do ramo, e sentimo-nos emocionados por sua influência, e entusiasmados pela admiração que lhe tributavam membros e não-membros igualmente.

A cronologia do progresso de Nathan Eldon Tanner em suas várias áreas de excelência foi marcada pelo constante acréscimo de responsabilidades e promoção para outras novas, às quais fazia jus com progresso e realizações. Em 1952, achando que havia cumprido seu dever no serviço público, demitiu-se e mudou para Calgary, onde se tornou presidente da recém-organizada empresa "Merril Petroleums" do Canadá, cargo que ocupou por cerca de dois anos, com certo sucesso financeiro.

Em 1954, foi convidado a dirigir a Trans-Canada Pipelines Ltd. Esta companhia projetava construir um oleoduto atravessando o Canadá, de Alberta até Montreal, com um investimento de trezentos e cinqüenta milhões de dólares. Todavia, o projeto estava tolhido por embaraços, rivalidades e difíceis condições federais, fazendo com que os responsáveis recorressem a Nathan Eldon Tanner como o único homem no Canadá inteiro, capaz de conciliar os vários interesses e construir um oleoduto dentro das normas governamentais. A princípio, ele declinou, mas quando Ernest C. Manning, primeiro ministro da Província de Alberta, e C. D. Howe, ministro do Comércio e Indústria do Canadá, apelaram para seu patriotismo, deixou relutantemente sua nova companhia petrolífera para chefiar o colossal empreendimento.

Ele acabara de ser designado presidente da nova Estaca Calgary, e assim, não estava preparado para transferir-se para Toronto, onde a empresa pretendia instalar sua sede. Como desejavam sua colaboração, decidiram estabelecer a sede em Calgary. Isto implicava em freqüentes viagens de negócio para o leste do Canadá, mas ele sempre voltava para casa nos fins de semana, a fim de cumprir seus deveres na Igreja, que sempre ocupou o primeiro lugar em sua vida, pois ele crê realmente que, se buscarmos primeiro o reino de Deus e a sua justiça, todas as outras coisas para o nosso bem nos serão acrescentadas.

Então começou a terrificante empresa de assentar três mil e duzentos quilômetros de oleoduto através de cinco províncias, adquirindo o combustível de centenas de companhias diferentes para vendê-lo por todo o Canadá e algumas regiões dos Estados Unidos. Segundo disse uma autoridade: "Foi o maior empreendimento desde a construção da ferrovia transcontinental, e realizado em menos de quatro anos." Ao término de seu contrato de cinco anos em 1959, a companhia era um enorme sucesso e mereceu-lhe o permanente apreço de seus compatriotas.

Quando o Presidente e Irmã Tanner se mudaram para Calgary, em 1952, sua primeira designação na Igreja foi de mestre familiar. A Irmã Tanner relembra: "Ao voltar para casa a primeira vez depois de fazer visitas, perguntei-lhe como se sentia em ser mestre familiar, pensando que talvez se achasse um pouco diminuído depois de ter servido durante dezesseis anos como presidente do ramo em Edmonton. Fiquei surpresa e também mais esclarecida com sua resposta." Disse ele: "Se cada mestre familiar fizesse realmente o que o Senhor dele espera, o trabalho do bispo seria reduzido à metade."

Mais tarde, foi chamado para o sumo-conselho da Estaca Lethbridge, e quando foi organizada a Estaca

O irmão Tanner, quando Presidente de Estaca em um pic-nic em 1959.

Calgary, a 15 de novembro de 1953, ele veio a ser seu primeiro presidente.

Durante os sete anos seguintes, o Presidente e Irmã Tanner puderam desfrutar a vida em Calgary rodeados de amigos, filhos e netos. Os Tanner sempre foram uma família muito unida, e hoje em dia, ele passa todo o tempo possível com suas cinco filhas, vinte e seis netos e três bisnetos.

O Presidente e Irmã Tanner planejaram e construíram em Calgary a "casa dos sonhos" e haviam acabado de instalar-se nela, quando veio o chamado como assistente do Conselho dos Doze e eles se mudaram para Utah.

Sua abnegada dedicação à obra do Senhor evidenciou-se na aceitação de seu chamado, ao dizer humildemente na conferência geral: "Farei o melhor que puder e estou preparado para dedicar minha vida ao trabalho do Senhor". Ele foi designado no dia 9 de outubro de 1960.

Quase que imediatamente, foi solicitado a acompanhar o Presidente David O. McKay e a mim numa viagem a Londres, para presenciar a dedicação da nova capela de Hyde Park e auxiliar a organização de estacas na Grã-Bretanha e nos Países Baixos. Quatro dias após o término da organização, foi chamado para servir em Londres como presidente da Missão da Europa Ocidental, que abrangia as missões nas Ilhas Britâncias, duas missões na França e a Missão Neerlandesa.

Em outubro de 1962, o Élder Tanner foi chamado para ser membro do Conselho dos Doze, e em janeiro de 1963, retornou à Cidade de Lago Salgado, a fim de assumir a presidência da Sociedade Genealógica, posição ocupada até algum tempo após ter sido chamado, a 4 de outubro de 1963, pelo Presidente McKay, como segundo conselheiro na Primeira Presidência. Com a morte do Presidente McKay em janeiro de 1970, ele passou a segundo conselheiro do Presidente Joseph Fielding Smith. Após a morte do Presidente Smith, em julho de 1972, o Presidente Tanner foi nomeado primeiro conselheiro do nosso amado Presidente Harold B. Lee.

Hoje, a Igreja progride a passos largos, e em todas as decisões momentosas das Autoridades Gerais, o julgamento e humildade do Presidente Tanner desempenham um papel muito importante. É um homem profundamente compreensivo e piedoso. Sua dedicação transparece nas palavras com que aceitou o chamado na Primeira Presidência: "Agradeço humildemente, a todos vós, pela confiança e voto de apoio, e empenho a Deus e a vós tudo aquilo com que o Senhor me abençoou para a edificação do reino de Deus."

Ao ser solicitada a comentar a respeito de seu empregador, LaRue Sneff, secretária do Presidente Tanner, diz: "Sempre me assombro com a sua eficiência e capacidade em resolver com rapidez os assuntos que necessitam de sua atenção. Ele é também profundamente perceptivo. Diversos de seus colegas de juntas de diretores contaram-me que apreciam sua eqüidade e o fato de sempre querer ouvir os dois lados de uma questão. Gostam da sua maneira franca e de sempre conhecer o seu lugar. É inabalável em seu senso de

Foto tirada em 1936 da família Tanner: atrás as filhas Isabelle, Zola, Beth e Ruth; na frente, entre o casal, Helen.

"A vida do Presidente Tanner é uma constante em meio da transição, testificando a necessidade de um re-alinhamento em torno do âmago dos valores espirituais, para que se salve a integridade individual e nacional."

lealdade e intransigente nos princípios da justiça.

"Ele é cortês e afável com visitantes e gosta especialmente de encontrar-se com gente moça: As secretárias de seu escritório apreciam seu agudo senso de humor e sua infalível bondade e consideração para com elas."

A vida do Presidente Tanner é uma constante em meio de transições, testificando a necessidade de um re-alinhamento em torno do âmago dos valores espirituais, para que se salve a integridade individual e nacional. Ele sabe que o homem, sendo um filho de Deus, tem um propósito divino em sua existência. Os valores espirituais só podem ser forjados no coração dos homens, e isto ele exemplifica em sua própria vida.

Eis um homem de destacada capacidade executiva, inqüestionável honradez, largamente conhecido em sua carreira pública pela severa e invariável honestidade, até mesmo pelos oponentes políticos. É um homem humilde de grande fé, coragem e constância, um dedicado e capaz lider eclesiástico, um pai e marido dedicado. Entre os escolhidos para altos ofícios na Igreja, raros são os homens com mais rica herança e maior bagagem de variado treinamento e experiência do que Nathan Eldon Tanner, por quem tenho profunda devoção e afeto filial. Possa o Senhor abençoá-lo, sustendo-o em seu alto chamado.

Presidente Marion G. Romney

Um Símbolo de Retidão

Pelo Presidente Spencer W. Kimball

Criado nas mesmas condições de muitos mórmons de seu tempo, o Presidente Marion G. Romney aprendeu a ser independente muito cedo na vida. Não só desde que foi ordenado membro do Conselho dos Doze, a 6 de outubro de 1951, mas durante toda a vida, ele soube como cuidar de si e dos seus. O plano de bem-estar ao qual emprestou sua mão orientadora e rica vivência foi, de fato, não um início, mas a continuação de um modo de vida já conhecido por experiência própria. Seus conhecimentos datam de muito antes da estaca e ala. Começara e prosseguira com uma aventura familiar desde sua infância. Para ele, era uma coisa natural.

Marion G. Romney nasceu a 19 de setembro de 1897, em Colônia Juarez, México, de pais americanos, George S. Romney e Artemesia Redd Romney. Sua instrução obteve-a em escolas da colônia, suplementada em Oakley, Idaho, e mais tarde na Academia Ricks (hoje Faculdade Ricks) em Rexburg, no mesmo estado, depois que as atividades de rebeldes revolucionários nas regiões setentrionais do México forçaram os colonos a se transferirem para os Estados Unidos.

Em 1926, bacharelou-se em ciências pela Universidade de Utah, e em 1932, obteve o grau de bacharel de direito; mais tarde, foi-lhe conferido o grau de doutor em direito. Seus conhecimentos no campo das leis tem-nos sido de grande valia em nossas deliberações, desde o seu chamado como autoridade geral, sempre que surgem questões relacionadas a atividades político-comunitárias.

Após ser admitido na ordem dos advogados, exerceu a profissão durante onze anos e serviu como procurador assistente do condado, procurador-assistente da comarca e procurador assistente municipal. Serviu igualmente no legislativo estadual e no Exército dos Estados Unidos.

Suas qualidades de liderança tornam-se manifestas pelos cargos diretivos que ocupou. Presidiu a Ala XXXIII na Cidade de Lago Salgado

como bispo, sendo ainda chamado assim por algumas pessoas. Foi presidente da Estaca Bonneville. Em seguida, a 6 de abril de 1941, iniciou o período de mais de trinta e um anos que serve como autoridade geral da Igreja de Jesus Cristos dos Santos dos Últimos Dias — os primeiros dez como asssitente do Conselho dos Doze e os últimos vinte anos como membro deste conselho. Em todos os ofícios, chamados e comitês, cumpriu seus deveres com distinção.

Grande parte de seus cuidados nesses trinta anos tem sido com os irmãos no trabalho missionário, e algumas de suas designações especiais foram a obra no México, na Europa e na Ásia. Juntamente com essa obra, segue sua preocupação com o ensino familiar, ao qual tem dado tanta ênfase — até mesmo a ponto de ter solicitado ao bispo de sua ala que lhe desse uma designação de ensino familiar e um companheiro jovem. Sua filosofia é: Havendo um estranho na vizinhança hoje, deve-se designar um mestre familiar; ele precisa de um amigo. Se amanhã continuar sendo estranho, os mestres familiares necessitam de uma verificação.

Quem acredita haver virtude em comparecer à reunião sacramental, vá à ala dele e há de encontrá-lo todos os dias do Sábado, desde que não tenha designação mais imediata e premente. Apareça na casa dos Romneys na hora das refeições e poderá ouvir a costumeira oração matutina e vespertina, algo parecido com que vem emanando daquele lar há quase meio século. Fossem abertos os registros de dízimo, também ali veria a família Romney vivendo o Evangelho, guardando os mandamentos e amando ao Senhor. Ele possui uma dessas raras mentes imbuídas na percepção de Deus. Quando o México lhe foi designado como área de responsabilidade especial, dava satisfação observar o interesse que tomou por aquele país e povo. Começou a estudar o seu idioma, pensar igual e sentir profunda empatia por eles. Como resultado, os santos mexicanos têm sido grandemente abençoados. Poder-se-ia chamar de visão — o tipo de planejamento previdente que fez ali. Hoje em dia, vemos milhares de crianças mexicanas podendo freqüentar uma escola, principalmente por causa da clarividência do Presidente Romney.

Alguns de nós pensávamos que ele

À esquerda: Como capitão da equipe de basquete da Faculdade Ricks, 1917-20. Embaixo: Como jogador de futebol americano, na Cidade de Lago Salgado, em 1916.

Marion G. Romney como missionário na Austrália, em 1921.

viera a ter um carinho todo especial pelos mexicanos, até que houve mudança nas designações dos irmãos e ele foi encarregado da África do Sul, Europa Ocidental, Escandinávia e Ásia. O interesse demonstrado pelos povos desses países, suas necessidades e problemas, foi igual ao que nutria pelos mexicanos; assim, concluímos que não havia nada de pessoal nisso, mas que esse grande homem conhecia seu extenso dever em qualquer direção para a qual fosse designado, e que seu amor à humanidade é tão vasto como o mundo. Parafraseando um pensamento de Henry Van Dyke[1], ele aprendeu a falar em centenas de línguas ao coração do homem; esteve em palácios para declarar ao monarca que ele é um servo do Altíssimo, e entrou em cabanas para assegurar ao campônio que ele é um filho de Deus.

E agora seu encargo mudou mais uma vez, e o seu coração se expande e abraça os povos de todas as nações. Tendo percorrido o mundo inteiro, possui conhecimento desses diversos povos, de suas culturas, problemas e necessidades. Agora o campo dele é o mundo.

É muito grato para o povo da Igreja e uma grande alegria o desenvolvimento e avanços de um filho de Sião em seu progresso para a liderança da Igreja. Vemo-lo subindo a escada — diácono, sacerdote, élder, missionário. É feito bispo, presidente de estaca, assistente dos Doze, apóstolo. E agora, ao lado do Presidente Harold B. Lee e o Presidente Nathan Eldon Tanner, na Primeira Presidência da Igreja.

Aqueles de nós que o conhecemos bem e há muitos anos vimos trabalhando com ele, não nos surpreendemos que fosse escolhido como conselheiro do Presidente Lee. Até o último homem, nós o apoiamos nesse superior chamado e faremos tudo ao nosso alcance, a fim de contribuir para o progresso da obra sob as mãos capazes destes três homens — a Presidência.

"Toda criança traz a mensagem de que Deus ainda não se desencorajou com o homem", diz Tagore[2], e certamente o Senhor estava justamente esperando que Marion G. Romney

(Continua na página 31)

Débora

Mary L. Lusk

Eram dias tristes e sombrios para os filhos de Israel, pois o malvado Rei Jabim de Canaã enviara Sísera, capitão do seu exército, para conquistá-los. Sísera chegou com todas as suas tropas, em novecentos carros de ferro, puxados por cavalos galopantes. Há vinte anos vinham oprimindo os filhos de Israel.

Naquele tempo, Israel era julgada por Débora, profetisa e mulher de Lapidote. Débora vivia nas Montanhas Efraim, numa casa sombreada por palmeiras. Ela não se havia esquecido de Deus, e os israelitas costumavam procurá-la para que os julgasse.

Ela ansiava por ajudar seu povo. Um dia mandou chamar Baraque, homem moço e forte, e disse-lhe: "Porventura o Senhor Deus de Israel não deu ordem dizendo: Vai e atrai gente ao monte de Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom?

Débora

"E atrairei a ti para o ribeiro de Quisom a Sísera, capitão do exército de Jabim, com os seus carros, e com a sua multidão; e o darei na tua mão." (Juízes 4:6-7)

E Baraque respondeu: "Se fores comigo irei; porém, se não fores comigo, não irei.

"Certamente irei contigo," disse Débora, "porém não será tua a honra pelo caminho que levas; pois à mão de uma mulher o Senhor venderá a Sísera." (Juízes 4:8-9)

Baraque organizou uma valente tropa de jovens israelitas e marchou contra o capitão do malvado Rei Jabim, e Débora foi com ele.

Durante a marcha pela planície, encontraram Héber, o queneu, que ali armara a sua tenda. Héber informou a Baraque que o iníquo Capitão Sísera subira ao Monte Tabor.

Ao saber da aproximação de Baraque com seus dez mil homens, Sísera reuniu seus novecentos carros de ferro e todos os soldados e pondo-os em formação de combate, marchou contra os filhos de Israel. Disse Débora então a Baraque:

"Levanta-te: porque este é o dia em que o Senhor tem dado a Sísera na tua mão; porventura não saiu o Senhor diante de ti?" (Juízes 4:14)

O Senhor de fato auxiliou Baraque e aos filhos de Israel. Os soldados do rei tentaram escapar, mas foram todos passados ao fio da espada. Entretanto, Sísera conseguiu fugir a pé pela planície, chegando à tenda de Jael, mulher do queneu Héber.

Jael saiu ao encontro de Sísera, dizendo-lhe: "Retirate, senhor meu, retira-te para mim, não temas." (Juízes 4:18) Entrando na tenda, ela o escondeu debaixo de uma coberta.

Sísera pediu-lhe um pouco de água para beber, pois que estava com sede. Jael abriu um odre de leite e deu-lhe de beber.

Então Sísera mandou que ela ficasse na entrada da tenda e dissesse que ele não estava ali, caso alguém viesse à sua procura.

Não demorou, Sísera estava dormindo profundamente. Jael então pegou um martelo e uma estaca da tenda e a cravou em Sísera, matando-o enquanto dormia.

Vendo Baraque andando à procura de Sísera, Jael foi ao encontro dele e disse: "Vem, e mostrar-te-ei o homem que buscas."

E, entrando na tenda, Baraque viu Sísera estendido morto, no chão.

Assim, Deus, naquele dia, sujeitou Jabim, rei de Canaã diante dos filhos de Israel. E a mão dos filhos de Israel continuou a prevalecer contra o Rei Jabim até que ele foi totalmente exterminado.

Então cantaram Débora e Baraque:

"Porquanto os chefes se puseram à frente em Israel, porquanto o povo se ofereceu voluntariamente, louvai ao Senhor.

"Ouvi, reis; dai ouvidos, príncipes: eu, eu cantarei ao Senhor, salmodiarei ao Senhor Deus de Israel." (Juízes 5:2-3)

Boneca de Papel

A Carga Extra

De Um Amigo Para Outro

A. Theodore Tuttle

Há muitos, muitos anos, lenha era um dos combustíveis mais usados na minha cidade natal. Já no final do verão e no outono, íamos para as montanhas com nosso carro e parelhas de cavalos buscar toras para fazer lenha no inverno. O carro consistia simplesmente de dois eixos com rodas, ligados por um longo e resistente varejão de madeira de lei chamado tirante.

Os homens e rapazes saíam de casa bem cedinho, muitas vezes antes de o sol nascer, para a longa jornada, levando um farnel preparado pela mãe, com os garotos encarapitados da melhor forma possível no exíguo espaço.

Assim que deixavam a estrada principal do desfiladeiro, encontravam trilhas estreitas, íngremes, cheias de pedras serpeando pelas ravinas e cristas das montanhas. O progresso era lento, penoso, mas quando finalmente chegávamos ao ponto previsto, todos se punham imediatamente a trabalhar.

À medida que as árvores eram derrubadas, um dos cavalos arrastava os troncos para junto do carro, onde eram erguidos ou rolados para cima dele. Freqüentemente eram toras tão compridas que ficavam sobrando na traseira da carroça. Uma vez carregado, as toras eram firmemente acorrentadas, tanto atrás como na parte anterior. Em seguida, prendia-se uma longa e forte corrente em volta de mais meia dúzia de troncos e a outra ponta na traseira do carro, para serem arastados pela trilha. A princípio, eu me admirava por que os animais já sobrecarregados com todo aquele peso eram obrigados ainda a puxar aqueles troncos suplementares pelo terreno acidentado. Mas logo descobri a razão.

Embora a subida pelo caminho montanhoso fosse dura, descer as trilhas com tamanha carga era muito mais perigoso! Os cavalos encontravam dificuldade em controlar o veículo pesadamente carregado nas descidas excessivamente íngremes. Mesmo imobilizando as rodas traseiras com auxílio dos freios, o carro continuava a derrapar e deslizar. Os cavalos tinham que lutar para deter todo aquele peso. Os pesados troncos arastados pela trilha agiam como contrapeso, aliviando o trabalho dos animais. Dessa maneira, os cavalos não eram impelidos mais depressa do que deveriam andar, prevenindo-se perda de controle ou o despencar pela encosta nas curvas fechadas.

Quando o carregamento chegava à estrada principal, depois de vencer a perigosa descida, o travão de arrasto era puxado para a beira do caminho, onde ficava até reunir número suficiente de toras para uma carga completa.

Às vezes, os moços se admiram por que têm que carregar fardos tão pesados executar tarefas, ser disciplinados e sujeitarem-se às leis e regulamentos determinados pelos pais. Todavia, os pais sabem que precisamos carregar tais fardos. Eles sabem que necessitamos de "freios" e, às vezes, até de um "travão de arrasto" para salvar-nos de um "descontrole" ou "despencamento". Essas cargas extra são-nos impostas, sem dúvida, para nos fortalecer, estabilizar, e nos refrear um pouquinho, ajudando-nos, assim, a prosseguir.

Uma das grandes lições da vida é aprender a obedecer às leis de Deus, guardando seus mandamentos. Eventualmente é-nos exigido carregar fardos que achamos por demais pesados ou muito difíceis. De modo geral, entretanto, quando compreendemos por que nos são impostos, vemos que um Pai Celestial sábio e amoroso está guiando e abençoando a nossa vida.

Piloto Sertanista

Linda R. Gundry

Peter Ahgook suspirou pesadamente, os olhos negros seguindo atentos o avião correio de todos os dias, que circulava lá em cima no límpido céu do Alasca.

Logo o piloto estaria baixando o aparelho na estreita faixa de terra que fazia as vezes de aeroporto em Chalkyitsik.

Sentando no rústico abrigo de troncos, única construção do campo de pouso, Peter sonhava com o dia em que também ele estaria pilotando um avião pelas nuvens, aterrando depois graciosamente numa das toscas pistas do interior do Alasca.

— Piloto sertanista, — murmurou de si para si, — Peter Ahgook, piloto sertanista.

A gargalhada de seu amigo Sam Pitka fê-lo acordar sobressaltado de sua fantasia.

— Qual é a graça? — indagou, descendo o olhar atento para o rosto galhofeiro do amigo.

— Enquanto você observava o avião, fiquei olhando-o. — O riso de Sam se acentuou. — Sonhando outra vez de olhos abertos?

Sentindo a face enrubescer, Peter voltou a cabeça, procurando ocultar seu embaraço. Ainda assim, podia perceber o olhar do amigo. **O que é tão engraçado em desejar ser piloto?** admirava-se ele. Subitamente, ouviu-se perguntando:

— Ora, o que há de errado em ficar observando meu amigo Mike aterrar?

— Não sabia que ele é seu amigo! — exclamou Sam, surpreso.

— Claro que é, — retrucou Peter, tentando mostrar-se confiante. Agora desejava ter pensado um pouco antes de falar, mas era tarde. Só restava sair-se da melhor maneira possível.

— Se você é tão amigo do piloto, — perguntou Sam, esperançosamente, — não podia pedir a ele que nos deixe sentar no avião só por um minutinho?

Antes de Peter conseguir responder, mais quatro crianças sentavam-se no banco ao lado deles. Elas também tinham vindo ver o avião aterrar.

— Será que eu ouvi certo? Você disse que podíamos entrar no avião? — perguntou uma delas.

— Que bom! — exclamou outra.

Peter fingia estar tão absorto observando o avião, que não ouvira nada. Manteve os olhos fixos no aparelho, enquanto este tocou o solo,

deu mais alguns pinotes e depois veio rolando até o fim da pista. O avião-correio parou a uns poucos metros do galpão. O piloto desceu trazendo a mala postal.

— Como é, você não vai falar com seu amigo? — Sam quis saber.

Peter estava aflito. Como pedir um favor assim a um homem que nem conhecia? Por mais um instante, ficou olhando o avião, depois voltou-se para o amigo.

— Sam, acho que, quando falei, estava ainda sonhando de olhos abertos. Na verdade, não conheço o piloto. Não sei nem mesmo como se chama.

Peter não notou que o piloto estava parado bem perto do galpão. De fato, não percebia coisa alguma, sentado ali no banco de cabeça baixa. As outras crianças correrram para olhar o aparelho mais de perto, enquanto Peter continuou sentado imerso em pensamentos. Estava aborrecido consigo mesmo. Agora que Sam sabia que não falara a verdade, será que ainda confiaria nele?

Seus olhares voltavam-se novamente para o avião. Era pequeno, para só quatro pessoas, todo azul e branco, com uma faixa prateada. Ficou imaginando como devia ser ficar sentado no lugar do piloto. O primo Fred tinha escrito na semana passada de Fort Yukon, contando a respeito de um simpático aviador sertanista

Piloto...

que o deixara entrar no aparelho e sentar-se no lugar do piloto, bem diante de todos aqueles botões de controle. **Quem sabe algum dia em que não estiver muito ocupado,** pensou, **talvez eu possa fazer amizade com ele.**

Peter não saberia dizer há quanto tempo estivera pensando, quando, subitamente, sentiu uma grande mão em seu ombro. Voltando-se, deu com o piloto sorrindo para ele.

— Como se chama, garoto?

— Peter... Peter Ahgook, — conseguiu finalmente balbuciar.

— Eu me chamo Ben. Ouvi você conversando com seus amigos. Quero que saiba que gosto de meninos honestos.

A manopla do piloto continuava pesando no ombro de Peter, e este, repentinamente, sentia-se melhor. Suas palavras jorraram em atropelo. Contou a Ben que gostava muito do aviãozinho azul e branco, e que algum dia queria ser um piloto sertanista como ele.

O piloto sorriu bondosamente.

— Olhe aqui, — falou, — algum dia desses em que tiver uns minutos de sobra, quem sabe você pode subir e dar uma olhadela por dentro. Que tal, gostaria?

Peter mal conseguia acreditar em seus ouvidos.

— Oh, sim, e muito!

— Negócio fechado. Mas, por hoje, que acha de carregar esta mala postal para mim?

Seguindo o novo amigo pela pista de pouso com a pesada mala postal às costas, estava seguro de nunca antes ter-se sentido tão contente. Peter tinha no rosto o mais largo sorriso que caberia na sua carinha de garoto de nove anos.

Encontre os Palhaços Gêmeos

(Continuação da página 22)

terminasse seu aprendizado, ganhasse variada experiência e se preparasse para esta grande responsabilidade.

As fortes qualidades de liderança e caráter do Presidente Romney parecem ter estado presentes em seus antepassados. Miles Romney e sua mulher, Elizabeth Gaskell, recém-casados, iam às compras na **Market Street**, em Preston, Inglaterra, quando ouviram Orson Hyde[3] e Heber C. Kimball[4] pregando o Evangelho. Ficaram profundamente impressionados, embora não se filiassem à Igreja senão dois anos depois, em 1839; depois de se tornarem membros, emigraram para a América, indo para Nauvoo, Illinois. Foi ali que nasceu o filho Miles Park que viria a ser o chefe do numeroso clã dos Romneys. A família eventualmente cruzou as planícies até o Vale do Lago Salgado, onde George trabalhou em certa ocasião no Templo de Salt Lake. Um dia, quando se achavam no escritório de dízimos, o Presidente Brigham Young conversou com eles, chamando-os para irem ao sul, na chamada "Muddy Mission" (Missão Lamacenta. N. do T.); de lá, a família estabeleceu-se em St. George, Utah, que se tornou, por assim dizer, o quartel general dos Romneys.

Também no outro ramo da família do Presidente Romney, havia gente extraordinária. Solomon Chamberlain, avô de Artemesia Romney, uniu-se à Igreja com Brigham Young e conhecia pessoalmente a família de Joseph Smith. Atravessou as planícies com o Presidente Young e, conta a história, dirigiu o carroção deste.

A história da família Romney no México começou quando em 1885 receberam, junto com outros santos, permissão das autoridades mexicanas para colonizarem o norte do país, sendo ali que Marion G. Romney nasceu em 1897.

Cada família construiu sua própria casa, e a maioria mantinha também um jardim, pequeno pomar, pasto, pequeno campo de alfafa, milho e etc. Todas tinham parte nas pastagens da comunidade, para onde Marion e seus companheiros costumavam levar diariamente as vacas, indo buscá-las à tarde. Uma lição que perdurou por toda a sua vida foi esta do pai: "Jamais desista antes de haver terminado a tarefa."

Como o mais velho dos filhos, Marion tinha muitas obrigações; e não era nada fácil para ele ficar no alto

da colina cuidando do gado, enquanto via os outros garotos jogando futebol ou basquete lá embaixo na escola. Ele se jacta de ter sido tão hábil na ordenha, que conseguia esquichar um jato de leite na boca do gato, a seis metros de distância. Tangendo as vacas pelo caminho entre a propriedade dos pais e o lote dos McClellan, Marion achou que as maçãs ao longo da divisa dos McClellan já estavam amadurecendo. Como não ficaria bem ir lá pegá-las, pôs-se a atirar pedras nas vacas por entre as macieiras, e quase que invariavelmente, caíam algumas frutas. Ele as levou para a mãe. "Estas não são nossas", admoestou ela. Acabou o negócio de jogar pedras nas vacas, e um garoto aprendeu uma lição de honestidade.

Suponho ter sido na manhã do êxodo, quando mulheres e crianças procuravam chegar ao trem em co-

Élder Romney, do Conselho dos Doze em 1963.

ches, ônibus, charretes, que George S. Romney chamou de lado o filho de quinze anos, Marion, e explicou-lhe certos tristes e duros fatos. Eles estavam sendo evacuados do país para salvar a vida, e o pátio da estação de Pearson estava abarrotado de veículos e cavalos. Deixou bem claro que, visto que os homens iriam permanecer no México, caberia a ele, Marion, a responsabilidade de ser o **homem** da família e cuidar da mãe, irmãos e irmãs nas vicissitudes que se aproximavam. Uma nova maturidade pesou sobre os ombros do moço, dando início ao desenvolvimento de um novo sentido da vida.

A família ficou algum tempo em El Paso, esperando a chegada do pai; depois, foram para a Califórnia, seguindo pouco depois para Oakley, Idaho, sede da Academia Cassia. George Romney tinha a ambição de concluir seus estudos e trabalhar no campo educacional. Conseqüentemente, passou a lecionar na academia. Ele e o irmão, Gaskell, tinham ali pequenas propriedades e trabalhavam, fazendo tudo ao seu alcance para cuidar da escola da Igreja e das respectivas famílias, porém mal dava para viverem. Certa vez, ao chegar o dia de pagamento, dispunham apenas de oitenta dólares para todos eles — dezenove pessoas das duas famílias. Devemos pagar o dízimo, mas como? Eles já estavam fazendo o impossível para viver dentro do orçamento. Será que o Senhor não entenderia, se deixassem de pagá-lo desta vez? A resposta foi: "O dízimo tem que ser pago", e lá se foi o mal agasalhado Marion, num frígido dia de Idaho, procurar o bispo, a fim de entregar o dinheiro. Voltou para casa com o recibo correspondente. Mais tarde, disse que pagar o dízimo nunca mais voltaria a ser tão duro como aquela vez.

A família Romney viveu três anos em Oakley, três duros anos num sítio de pouco mais de 16 hectares. No outono, o jovem Marion freqüentemente deixava de ir à escola para ajudar na fazendola da família, até terminar a colheita. Do pai aprendera carpintaria e usava também esta habilidade para aumentar o orçamento da família.

O pai de Marion saíra em missão, quando este tinha somente oito dias de idade. Durante seus anos de meninice, a possibilidade de uma missão

parecia nebulosa, distante, visto que a situação aflitiva da família tornava tal meta muito distante.

Mas agora a família mudara para Rexburg e Marion tinha um emprego conseguindo fazer algumas economias. Ele conta como um dia foi a uma conferência para ouvir falar o Élder Melvin J. Ballard[5], do Conselho dos Doze, cujas experiência espirituais eram bastante incomuns e às vezes mesmo espetaculares. Lá do seu lugar no fundo do coro, o moço ficou observando o Irmão Ballard durant todo o tempo, e dele escutou coisas incríveis. Uma nova e determinada idéia formou-se em sua mente. Terminada a reunião, abordou o pai e disse:

— Pai, quero fazer uma missão.

O pai ficou atônito.

— Eu tenho algum dinheiro, — prosseguiu, — e se o senhor for comigo até ao banco e me ajudar a emprestar o resto, eu irei.

Os dois dirigiram-se ao estabelecimento e o bondoso banqueiro acreditou nele, concedeu-lhe o empréstimo e Marion partiu para a Austrália. Após o seu retorno, o Presidente Romney saldou o empréstimo.

Já como garoto, o Presidente Romney sabia de suas grandes aptidões que não estava destinado a perder-se na multidão, que a vida à sua frente apresentava portas abertas e numerosas oportunidades.

Quando ainda um rapazelho de onze a doze anos, ele recebeu uma bênção patriarcal do avô, L. H. Redd. Sendo da nobre linhagem de Abraão e Jacó, não se destinava a ser uma pessoa comum. Foi-lhe dito que havia almejado e buscado o privilégio de executar uma grande e poderosa obra, sendo advertido de que necessário se tornava que, para tal, buscasse sabedoria e conhecimento já na alvorada da vida.

Observando-o em sua busca de conhecimento nas diversas escolas por que passou, e sob circunstâncias tão adversas, percebemos que ele se qualificou para essa bênção.

Foi-lhe dito: "Serás chamado para pregar o Evangelho a muitos povos. Os anjos de tua escolha têm estado contigo e velado por ti para o teu bem." Desde o tempo de sua primeira missão na Austrália, em 1920, ele vem pregando a muita gente, mas, nos últimos anos, esse "muita" transformou-se em milhões. E ser protegido pelos "anjos de tua escolha", que grande bênção e garantia!

Em uma de suas bênçãos, ele foi admoestado: "Lembra-te, quando sentires aquela doce influência celestial sussurrar de paz, de que o Senhor está perto de ti." Esse homem, Marion G. Romney, ouve muitas vezes tais sussurros; ele sente aquela paz como parte da sua vida. Seus irmãos na fé não têm dúvida alguma a respeito da proximidade do Senhor quando ele ora. Suas preces são tão fervorosas, sua voz tão mansa, sua súplica tão legítima e sentida, que sabemos que o Senhor está escutando. Tem uma tal sinceridade que toca os ouvintes e sentimos que, por causa da oração do Presidente Romney, todos nós estamos mais achegados ao Pai Celestial. Ele recebeu um especial poder de cura para administrar aos enfermos e aflitos. Recentemente, quando eu próprio estava convalescendo de uma intervenção cirúrgica no coração e me sentia fraco e desanimado, ele veio me visitar em casa. Antes de despedir-se, pedi que me desse uma bênção, com plena confiança no poder da sua fé e proximidade a Deus.

Foi dito também ao Presidente Romney: "Serás tido em alta conta e respeitado pelo povo, além da tua compreensão; buscarão o teu conselho; serás honrado por tua posteridade; tua fé há de amparar-te. A tua fé te desvendará os mistérios do Reino, e coisas que não são entendidas ou

Élder Romney e sua esposa Ida J. Romney.

Presidente e irmã Romney em foto recente.

"...ele aprendeu a falar em centenas de línguas aos corações dos homens; esteve em palácios de Monarcas para dizer que é um servo do Altíssimo e nas cabanas do camponês para assegurar que ele é um filho de Deus."

compreendidas pelo povo ser-te-ão esclarecidas. Visões do futuro serão abertas à tua mente e verás a obra do Senhor em todas as coisas, pois desfrutarás uma fé semelhante àquela do irmão de Jared... Serás chamado a trabalhar ainda em posições de confiança e liderança no interesse da obra do Senhor."

Os que entre nós conhecem o Presidente Romney de perto há muito, têm visto a frutificação dessas bênçãos há longo tempo prometidas, vindo a compreender que a formação de um Marion G. Romney não foi obra do empenho de umas poucas décadas, mas algo eterno, reunindo em um todo a soma das grandes qualidades, provas, privilégios, desafios e tempos, a fim de preparar essa grande alma para as oportunidades presentes. O nome de Cristo e o seu Evangelho não são meras menções, encontram-se profundamente incutidos na sua consciência.

O Irmão Romney é o primeiro a salientar que sua vida teria sido bem menos expressiva, se Ida Jensen, de Idaho Falls, não tivesse vindo lecionar na Academia Ricks no momento azado. Contratada pelo pai dele, então diretor da academia, ela logo veio a conhecer Marion, surgindo um romance que perdura todos esses anos desde que se casaram, a 12 de setembro de 1924. Ida esteve ao seu lado na adversidade e na glória. Foram vítimas de alguns sérios acidentes em que sobreviveram por puro milagre, especialmente ela. Sua mulher o tem honrado no seu trabalho, apoiando-o em suas viagens e dificuldades.

Marion e Ida Romney tiveram quatro filhos, dois dos quais não tiveram o privilégio de uma vida longa; dois filhos estão casados, proporcionando-lhe netos adoráveis. Richard, homem de negócios na Califórnia, e sua esposa têm um filho e uma filha já adultos; e George, advogado na Cidade de Lago Salgado, e sua mulher têm cinco filhos dos catorze anos para baixo.

Para se ter uma idéia da força e vigor de Marion G. Romney, basta observá-lo em seu trabalho e segui-lo em algumas das situações difíceis pelas quais tem que passar.

Não é preciso mais que ouvi-lo recorrer ao seu Criador e suplicar-lhe alguma bênção, para a gente sentir a sinceridade e força de seus sentimentos. Tudo é santo onde esse homem ajoelha.

Entre as muitas promessas feitas ao Presidente Romney, quando foi chamado para autoridade geral, houve esta: "... bendito és por causa da tua fé na minha obra. Eis que tens tido muitas aflições... contudo, abençoarei a ti a tua família, sim, teus pequeninos, e o dia virá em que eles acreditarão e conhecerão a verdade, sendo um contigo na Igreja."

Com novas responsabilidades, novos horizontes e novos desafios, a prece de seus familiares, seus amigos e do povo da Igreja é que o Senhor o abençoe com tudo o de que precisar. Ele que sempre fez por elevar o seu farol, de agora em diante fá-lo-á brilhar mais longe ainda. Deus o abençoe, Marion G. Romney!

Van Dyke, Henry (1852-1933) — Clérigo, educador, escritor americano.
Tagore, Sir Rabindranath (1861-1941) — Poeta indiano.
Hyde, Orson (1803-1878) — Ordenado apóstolo a 15 de fevereiro de 1835.
Kimball, Heber C. (1801-1868) — A 27 de dezembro de 1847, tornou-se conselheiro de Brigham Young.
Ballard, Melvin J. (1873-1939) — Ordenado apóstolo a 7 de abril de 1919.

A Meio Caminho do Nada

Eu estava na nona série escolar — um ano em que parecia estar a meio caminho do nada. A auto-confiança não era o meu forte. Minhas ações eram controladas em grande parte por meu senso de inferioridade. Talvez tivesse sido a sombra do meu ceticismo que transformou esta experiência em tão brilhante estrela-guia.

Sexta-feira era o dia dedicado a "atualidades" na terceira aula. Ao se fazer a chamada, cada aluno tinha duas opções — podia responder "preparado" ou "não preparado". Se respondesse "preparado", tinha que fazer uma exposição diante da classe. No segundo caso não precisava fazer coisa alguma. Eu logo "peguei" que a resposta **não preparado** era a melhor saída para qualquer apuro.

As semanas foram passando e, toda vez que meu nome era chamado, eu respondia, quase que com orgulho, "não preparado". Meus amigos também eram adeptos incondicionais das mesmas palavras. Todos, como grupo, tornávamos as coisas mais fáceis para nós como indivíduos.

Uma vez, conversando com a professora, vi meu nome no livro de chamada de aproveitamento, seguido de uma enfiada de sinais negativos. Isto me deixou preocupado, porém não o bastante para me fazer levantar e falar diante da classe. Falar para uma audiência parecia-me a coisa mais assustadora do mundo.

Na minha frente, sentava-se uma garota de quem eu gostava. Eu, de fato, gostava tanto dela, que, a caminho da escola, ficava pensando em coisas inteligentes para dizer-lhe, mas quando na sua presença, minha cabeça ficava vazia, e a língua quase que paralisada.

Certo dia, quando a professora, fazendo a chamada, chegou ao meu nome, eu voltei a responder "não preparado". Foi então que a tal garota me fez um favor enorme. Voltou-se e olhando firme para mim, comentou:

— E por que então não se prepara?

Naquele dia, não consegui entender qualquer palavra do que foi dito. Fiquei pensando em uma porção de coisas maravilhosas como: **Por que haveria de se importar, a não ser que goste de mim?**

Fui para casa, procurei um artigo interessante no jornal, e pus-me a ler e reler até conseguir tê-lo bem gravado na memória. Recortei o artigo, dobrei-o cuidadosamente e guardei na minha carteira, carregando-o comigo a semana inteira.

Na sexta-feira seguinte, estava sentado no meu costumeiro lugar, lá nos fundos da sala. A professora pô-se a fazer a chamada sem levantar os olhos. Finalmente chegou ao meu nome e eu, muito mansamente, realizei um grande feito de oratória — eu disse:

— Preparado.

Ela interrompeu a chamada e olhou para mim. Eu estiquei minha cabeça o mais que pude e acenei, confirmando. A garota voltou-se e sorriu. Meus amigos lançaram-me um olhar como que dizendo: "Traidor!" Depois, fiquei ali sentado, esperando a minha vez e indagando a mim mesmo: **Que é que eu fui fazer?** Estava morto de medo. Então, fiz uma descoberta maravilhosa. Não havia nada de errado em ter medo, desde que não me impedisse de fazer o que eu devia.

Minha vez chegou; fui para a frente e comecei a falar. Não me esqueci de uma única palavra, e depois que a última delas passou por meus lábios, fiquei parado ali por mais um instante, enquanto um pensamento inestimável passou-me pela mente e insinuou-se no meu coração. Eu disse a mim mesmo: **Eu gosto de você.**

Voltei para o meu lugar e sentei-me. Não ouvi coisa alguma das exposições restantes, mas ao compasso feliz do meu coração, meu íntimo dizia e repetia: **Esta é a única maneira de se viver.**

Desde aí, soube que as palavras **não preparado** realmente nos tiram de apuros e nos isentam de grandes pressões. Aprendendo a dizê-las, a gente de fato não precisa fazer coisa alguma, mas também nunca se pode conhecer a alegria de realizar algo que nos leve a dizer a nós mesmo: **Eu gosto de você.**

Algumas Perguntas Cândidas Para Mestres Familiares

O **princípio sacerdotal de zelar sempre pela Igreja** (ensino familiar) foi instituído pelo Senhor antes de sua organização. É uma responsabilidade inerente a um portador do Sacerdócio.

Se você é um mestre familiar, provavelmente deseja ampliar sua compreensão e capacidade de "zelar sempre pela igreja". Quase todos nós queremos ter a atitude correta e fazer a coisa certa.

É sabido que somos designados pelos líderes do Sacerdócio a "visitar a casa de cada membro ,exortando-o a orar em voz alta e em segredo e a cumprir todas as obrigações da família" e a "zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los; e ver que não haja iniqüidade na igreja, nem dificuldade entre um e outro, nem mentiras, maledicências ou calúnias; e ver que a igreja se reúna amiúde, e ver também que todos os membros cumpram as suas obrigações." (D&C 20:47, 53-55).

E sabemos também que fazemo-lo através da autoridade presidente das famílias a nós designadas — o pai.

Temos sido ensinados que "a família, presidida por um portador do Sacerdócio, é a unidade básica da Igreja. A ordem do Sacerdócio requer mestres familiares para trabalharem com a família, através da autoridade que a preside, o pai. Este deverá ser reconhecido em sua posição. O Senhor o mantém responsável pelo honrado encargo de seu lar em relação a outras unidades da Igreja e por conduzir sua família para a vida eterna. Os mestres familiares trabalhando com, e através do pai, fortalecem seu papel e responsabilidade." (Ensino Familiar do Sacerdócio — Manual de Instruções, p. 6)

É no aspecto do **como** ajudar que a maioria de nós busca sugestões e idéias. Veja as perguntas a seguir. Se fizer incisivamente a si próprio cada uma delas e ponderar as respostas, você estará preparando-se como deve para "zelar pela igreja".

1 — Como mestre familiar, tenho-me ajoelhado diante do Senhor em sincera súplica pelos pais e familiares a mim designados? Tenho orado com os pais, individualmente e quando necessário, buscando a orientação do Senhor para que haja relacionamento proveitoso com eles e seus familiares? Meu líder do Sacerdócio e eu nos ajoelhamos juntos, apresentando-nos ao Senhor como instrumentos seus para fortalecer os lares do reino? Meu companheiro e eu também buscamos os conselhos do Senhor?

2 — Tenho dado cuidadosa atenção às instruções do meu líder do Sacerdócio? Tenho pleno entendimento do espírito e cuidado dele com as famílias sob a sua responsabilidade?

3 — Eu respeito o caráter sagrado da unidade familiar, trabalhando com o pai e através dele, mesmo sendo ele membro inativo ou não-membro? Fico à disposição dele sempre que necessário? Escuto o que tem a dizer? Procuro encorajar, elogiar e prestigiá-lo?

4 — Estou constantemente alerta para meios de estabelecer e manter amizade e a confiança com as famílias a meu encargo?

5 — Reconheço que o meu chamado e oportunidade como mestre familiar é zelar pelos pais de família e fortalecê-los? — Que o Senhor espera que sejam os pais os primeiros a ensinar o Evangelho aos filhos durante as habituais reuniões familiares e nos momentos apropriados do dia a dia? — Que meu companheiro e eu podemos ser convidados a auxiliá-los em ocasiões especiais?

6 — Eu medito e planejo meios de fortalecer e ajudar os membros fortes na Igreja? E aqueles não tão fortes ou recém-batizados?

7 — Estou retransmitindo conscienciosamente as mensagens especiais e cumprindo designações especiais recebidas do meu líder no Sacerdócio e do bispo?

8 — Tenho por hábito cumprimentar "minhas" famílias, quando chegam para as diversas reuniões? Preocupo-me, quando noto sua ausência?

9 — Tenho um plano para as famílias que ainda não estão seladas para a eternidade na casa do Senhor?

10 — Estou sempre atento à eventual necessidade de ajuda para um pai introduzir e realizar reuniões familiares proveitosas?

11 — Estou à disposição de "minhas" famílias e elas costumam procurar-me em caso de doença, acidente, morte ou qualquer emergência?

12 — De modo geral, estou sempre pensando em como ajudar os pais de família aos meus cuidados a magnificar o Sacerdócio, aceitando plenamente suas responsabilidades de patriarca da sua família?

"Pois eis que não é próprio que em todas as coisas eu mande; pois o que é compelido em todas as coisas, é servo indolente e não sábio; portanto, não será recompensado.

"Na verdade digo que os homens devem-se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem;

"Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem de modo nenhum deixarão de receber a sua recompensa.

"Mas o que não faz nada sem ser mandado, e recebe mandamento com coração duvidoso, e indolentemente o observa, é condenado.

"Quem sou eu que fiz o homem, diz o Senhor, para pronunciar inocente o que não obedece aos meus mandamentos?

"Quem sou eu, diz o Senhor, para prometer e não cumprir?

"Eu mando e os homens não obedecem; revogo e eles não recebem a bênção.

"Depois dizem em seus corações: Esta não é a obra do Senhor, pois as suas promessas não se têm cumprido. Mas ai desses, pois embaixo os espera a sua recompensa, e não em cima." (D&C 58:26-33)

O Evangelho E Os Animais

Gerald E. Jones

A atitude do homem para com os animais vai do extremo da adoração até a crueldade. Qual será a vontade do Pai Celestial com respeito aos animais? Os profetas, passados e presentes, têm falado muita coisa relevante sobre esse assunto.

Quando os animais foram colocados na terra, nosso Pai Celeste disse que era bom. (Ver Gênesis 1:25) E desde a criação da terra, foi dado ao homem domínio sobre eles. A seriedade deste encargo é evidenciada na versão inspirada de Gênesis de Joseph Smith:

"Tudo quanto se move que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde... E certamente, sangue não deverá ser derramado, a não ser para alimento, para salvar vossas vidas; e o sangue de todo animal requererei de vossas mãos." (Gênesis 9:9-11. Versão Inspirada.)

Que os animais devem ser tratados com bondade já consta da lei de Moisés. O Senhor prescreveu aos israelitas que se mostrassem bondosos para com a besta, não amordaçando o boi enquanto trilhava os cereais durante a colheita. (Deut. 25:4) Como também lhes era proibido sobrecarregar os animais, formando parelhas desiguais. (Deut. 22:10)

Nosso Senhor instruiu os hebreus a ajudarem o animal com carga demasiada, mesmo que pertencesse a um inimigo. (Êxodo 23:4-5) Até mesmo os animais deviam ter descanso no dia do Sábado. (Êxodo 20:10) Diz um provérbio que "o justo olha pela vida dos seus animais, mas as misericórdias dos ímpios são cruéis." (Prov. 12:10)

O Profeta Isaías revelou que, durante o reino milenário, seria abolida a crueldade para com todas as criaturas viventes.

"E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho do leão e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará.

"A vaca e a ursa pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha com o boi.

"E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a sua mão na cova do basilisco.

"Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar. (Isaías 11:6-9)

A Oséias, o Senhor explica adicionalmente a respeito da condição dos animais durante o milênio:

"E naquele dia farei por eles aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e da terra tirarei o arco, e a espada, e a guerra, e os farei deitar em segurança." (Oséias 2:18)

E em Lucas 12:6, mais uma vez se revela a preocupação do Senhor com a vida animal, quando afirma que dos pássaros postos à venda "nenhum deles está esquecido diante de Deus".

A primeira referência à vida animal nas Escrituras modernas está em Doutrina e Convênios. Em março de 1831, foi revelado ao Profeta Joseph Smith que, embora não se devesse impor o vegetarismo à humanidade como doutrina, ainda assim os homens eram responsáveis pela matança de animais.

"E aquele que proíbe o uso da carne, e diz que o homem não a deve comer, não é ordenado de Deus;

"Pois eis que as feras do campo, as aves do ar e aquilo que provém da terra são destinados ao uso do homem para comida e vestuário, e para que tenha em abundância.

"E ai do homem que derrama sangue ou desperdiça carne sem necessidade." (D&C 49:18-19, 21)

Enquanto revisava a Bíblia, o Profeta desejou maior entendimento a respeito dos quatro animais mencionados em Apocalipse 4:6. A seção 77, de Doutrina e Convênios, contém a resposta do Senhor. A resposta mostra que o "céu, o paraíso de Deus", continha animais, coisas que se arrastam e aves do ar, e "toda outra criatura criada por Deus". (Vs. 2)

A exata condição dos animais no estado ressurrecto é desconhecida, exceto quanto ao revelado no versículo quatro, onde se lhes reconhece a qualidade de serem "cheios de

conhecimento" e de terem "poder para se mover, para agir etc."

Durante a expedição do Acampamento de Sião, no verão de 1934, houve um incidente que permitiu a aplicação prática do cuidado pela vida animal. Segundo relata o Profeta Joseph Smith:

"Ao armarmos minha tenda, descobrimos três **massassaugas** ou pequenas cascaveis do campo que os irmãos estavam prestes a matar, mas eu disse: 'Deixem-nas — não lhes façam mal! poderá a serpente jamais perder a sua peçonha, enquanto os servos de Deus possuírem a mesma disposição e continuarem a lhe dar combate? O homem tem que tornar-se inofensivo antes dos irracionais; e quando os homens perderem sua disposição maldosa e cessarem de destruir a raça animal, o leão e o cordeiro poderão habitar juntos, e a criança de peito poderá brincar com a serpente sem perigo algum.' Os irmãos juntaram as cobras com ga-

lhos secos e as levaram cuidadosamente para o outro lado do riacho. Exortei os irmãos a que não matassem serpente, ave ou animal de qualquer espécie durante a nossa jornada, a não ser que se tornasse necessário para nos preservar da fome." **(Documentary History of the Church,** vol. 2, pp. 71-72)

Que os irmãos aplicaram os ensinamentos do Profeta é evidenciado por dois acontecimentos ocorridos na mesma viagem, cerca de um mês depois: "Quando Hyrum Stratton e seu companheiro foram dobrar suas cobertas esta manhã, encontraram duas cascaveis do campo dormindo tranqüilamente debaixo delas, as quais levaram cuidadosamente para longe do acampamento."

E ainda: "Quando os irmãos estavam arrumando suas camas na barraca do Capitão Brigham Young, um deles descobriu uma cascavel muito musical, que estavam prestes a matar. O Capitão Young disse-lhes que não lhe fizessem mal, mas a levassem para fora da tenda, ao que o Irmão Carpenter a pegou com as mãos, levando-a para longe de todo o perigo e deixou-a gozando sua liberdade, dizendo-lhe que não voltasse para lá." (DHC, vol. 2, pp. 101-102)

Explicando ainda a visão de João no livro da Apocalipse e o lugar dos animais no após-morte, o Profeta Joseph Smith esclareceu que João provavelmente viu no céu seres de "mil formas", "bestas estranhas inconcebíveis para nós", e que todos os animais "poderão ser vistos no céu". Declarou também: "João aprendeu que Deus glorificou a si mesmo, salvando tudo o feito por suas mãos, sejam animais, aves, peixes ou homens..." (DHC, vol. 5, p. 343)

Ensinou ainda que os animais ressuscitam:

"Diz alguém: 'Não posso acreditar na salvação dos animais'. Qualquer um que vos diga que isto não pode ser, estaria dizendo que as revelações não são verdade. João ouviu a fala das bestas dando glória a Deus, e pôde entendê-las. Deus, que fez os animais, entenderia qualquer que fosse a sua linguagem. Os animais eram quatro dos mais nobres deles, que cumpriram a medida da sua criação e haviam sido salvos de outros mundos, porque eram perfeitos. Eram como que anjos na esfera deles. Não foi dito de onde vieram e eu não sei; mas foram vistos e ouvidos por João, louvando e glorificando a Deus." (DHC, vol. 5, pp. 343-44)

Brigham Young igualmente demonstrava cuidado com os animais. Por exemplo, disse ele num de seus sermões proferidos no velho Tabernáculo em Lago Salgado: "O povo sendo santo, a terra sob seus pés será santa. O povo sendo santo e cheio do Espírito de Deus, todo animal e coisa rastejante ficará cheio de paz... Quanto mais pureza existir, tanto menor o antagonismo; quanto mais bondosos formos para com os nossos animais, tanto mais aumentará a paz, e a natureza selvagem da criatura irracional se desvanecerá." **(Journal of Discourses,** vol. 1, p. 203)

O Presidente Young também advertiu que os santos dos últimos dias "jamais herdariam o reino celestial", até que aprendessem a cuidar devidamente das coisas desta terra a eles confiadas pelo Senhor. Referindo-se especificamente à criação, disse que o povo deveria "cuidar do seu gado e cavalos" e que o homem que assim não fizesse estaria "se expondo à censura aos olhos da justiça". (JD, vol. 11, p. 141)

George Q. Cannon, conselheiro na Primeira Presidência na gestão de Brigham Young, foi provavelmente quem mais escreveu a respeito de tratamento humanitário dos animais do que qualquer outro santo dos últimos dias. Como editor do **Juvenile Instructor,** começou a escrever, em 1868, uma série de artigos advogando bondade para com os animais. Em 1897, anunciou a inauguração do Dia Humanitário, patrocinado pela Escola Dominical e que deveria ser comemorado durante o mês de fevereiro, programa esse que perdurou na Igreja por vinte anos.

O Presidente Lorenzo Snow conta em seu diário como seus sentimentos mudaram quanto à caça, pouco após o seu batismo: "Movendo-me

sorrateiramente em busca de algo para matar, minha mente viu-se tomada de reflexões sobre a natureza do que estava fazendo — divertir-me, causando dor e morte a inofensivas, inocentes criaturas que talvez tivessem o mesmo direito de viver e gozar quanto eu. Dei-me conta de que tal indulgência não tinha qualquer justificativa e, sentindo-me condenado, pus minha espingarda às costas, voltei para casa e desde aí, nunca mais tive qualquer inclinação por esse mortífero passatempo."

O Presidente Joseph F. Smith, que sucedeu George Q. Cannon como editor do **Juvenile Instructor,** ampliou a ênfase no Dia Humanitário. Em fevereiro de 1912, dizia ele num editorial de duas páginas, intitulado "Bondade para com os Animais":

"A bondade para com todo o mundo animal e especialmente todos os animais domésticos é não só uma virtude que deveria ser cultivada, mas o dever absoluto do ser humano... É coisa iníqua tratar qualquer criatura cruelmente... Bendito o dia em que a humanidade aceitar e se ativer ao sentimento cristão expresso por um poeta nas seguintes palavras: "Não tires a vida que não podes devolver, pois todas as coisas têm igual direito de viver.' "

O editorial publicado no **Juvenile Instructor,** de abril de 1918, foi considerado de relevância tal, que foi reimpresso em abril de 1927. Dizia ele:

"O que é ser humano para com as bestas do campo e as aves do céu? É mais que tomar cuidado com a vida animal confiada a nós. É uma grata apreciação das criações de Deus. É a lição de amor divino. Para ele, toda a vida é uma criação sagrada para uso de seus filhos. Estaremos ao seu lado em nossa sensível consideração pelo que é vivo?

"Nosso senso de apreço deveria ser estimulado pelo desejo de entender os propósitos divinos, e de conservar o equilíbrio da vida animal, ajustado às necessidades da criação. O homem, em seu insolente desrespeito a um sagrado dever, tem-se mostrado indiferente à vida. Tem-na destruído, sem ligar para os resultados funestos que isto acarretaria para a terra. Os pássaros são inutilmente dizimados e, como conseqüência, surgem as pragas que atormentam os povos do mundo. A providência da criação tencionou que os animais fossem presa uns dos outros, preservando, assim, um equilíbrio seguro para o benefício do homem.

"... A desnecessária destruição de vida é uma indubitável perda espiritual para o gênero humano. O homem não pode adorar o Criador e olhar suas criações com descuidosa indiferença. O amor a tudo o que vive ajuda o homem a desfrutar uma vida melhor. Exalta a natureza espiritual dos que necessitam do favor divino.

"O desenfreado extermínio de vida reage sobre o gênero humano. Na lei da compensação, existe algo que faz um criminoso lesar e destruir a vida. Os homens sem respeito pela vida dos animais domésticos a eles confiados, geralmente recebem a recompensa pela sua crueldade dos pobres animais que maltratam. Amor gera amor em toda a criação, e a natureza corresponde generosamente ao tratamento bondoso do homem.

"... A natureza ajuda-nos a ver e entender Deus. Temos a obrigação de servir e de votar profunda admiração a todas as suas criações. O homem deve ser bom para os animais que o servem, tanto direta como indiretamente. Uma palavra raivosa ou um gesto brutal fere o coração do qual provém. O amor à natureza é afim do amor a Deus; os dois são inseparáveis."

Como presidente da Igreja, David O. McKay falou diversas vezes a respeito da bondade para com o animal em conferências gerais. Em outubro de 1951, ele comentava que "um verdadeiro santo dos últimos dias é bom para os animais, é bom para toda coisa criada, pois que tudo é obra de Deus."

O décimo presidente da Igreja, Joseph Fielding Smith, também expressou cuidado com o bem-estar dos animais. Em 1928, então apóstolo, dizia ele numa conferência geral da Igreja: "Assim vemos que o Senhor tenciona salvar não só os céus e a terra, não só o homem que habita a terra, mas todas as coisas por ele criadas. Os animais, os peixes do mar, as aves do ar, bem como o homem, são para serem recriados, ou renovados, através da ressureição, pois eles também são almas viventes." **Conference Report,** Outubro de 1928, p. 100)

Todos os profetas são acordes em lembrar ao homem o seu dever para com o mundo animal. Como o Senhor disse a Noé: "... o sangue de todo animal requererei de vossas mãos." (Gênesis 9:11. Versão Inspirada) É nossa sagrada mordomia cuidar da terra e de todas as criaturas que nela vivem.

O Dr. Jones é diretor do instituto de religião em Berkeley, Califórnia, e há quinze anos vinha lecionando em seminário. Ensina também na Escola Dominical da Ala Pleasant Hill, Estaca Walnut Creek, Califórnia.

Examinai As Escrituras

Que Maravilhoso Proposito para a Vida

Cecilu Sim,
Cingapura

Estudei numa escola católica e converti-me ao catolicismo. Em conseqüência disso, comecei a ler a Bíblia. Uma das passagens que se tornaram minhas favoritas foi: "... **buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas."** (Mateus 6:33)

Depois de filiar-me à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias, lendo o Livro de Mórmon, deparei com uma Escritura que se tornou um guia maravilhoso para mim. Pelo que eu sabia por minha instrução católica, a vida devia ser apenas austera, mesmo vergada pelo peso da seriedade. Lembro-me de quando li as palavras: "os homens existem, para que tenham alegria." (II Néfi 2:25)

Essas palavras, envoltas em linguagem tão singela, foram como um raio de luz permeando a minha alma. Alegria! Que maravilhoso propósito para a vida!

Desde aquela ocasião, as Escrituras tornaram-se um dos sustentáculos de minha vida. Agora procuro viver cada dia como vem, confiante no Pai Celestial, sabendo que a vida é boa e que, quando vierem tristezas, elas não irão além de minhas forças, e que o Pai Celestial há de ajudar-me a reencontrar a felicidade e alegria de viver.

O que a Leitura Diaria das Escrituras Significou Para Mim.

Rafael A. Galindez
Estaca de Buenos Aires

Lembro-me de quando li, tempos atrás, estas palavras do Salvador: **"Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus."** (Mateus 4:4) Este trecho calou profundamente em meu coração e espírito. Minha alma sedenta parecia absorver as palavras com avidez, e desejei de toda a força do meu coração, mente e espírito alimentar-me com a palavra de Deus.

Decidi iniciar o hábito de ler as obras-padrão da Igreja todas as noites. Deleitei-me no conteúdo das Escrituras; logo esse prazer se tornou em fervente desejo de conseguir maior conhecimento e sabedoria, e isto por sua vez levou-me ao desejo fervente de buscar a perfeição espiritual. Não demorou, as mensagens das Escrituras começaram a cair sobre mim como orvalho dos céus. Principiei a compreender as belas verdades do Evangelho.

Não devo falar pelos outros, mas posso afirmar que eu fui gradualmente transformado. Vim a encontrar imensa felicidade em aprender mais a respeito de Deus, em receber sua paz maravilhosa, em receber os sussurros do Espírito Santo. Quanto mais eu lia, tanto mais recorria à oração. Logo passei a sentir um íntimo relacionamento com Deus. Senti apoio. Senti proteção. Senti misericórdia. Senti a sua paciência. Confesso que não me achava merecedor de tão maravilhosas bênçãos, mas minha alma estava comovida, como se o Senhor me houvesse permitido provar antecipadamente o doce fruto da árvore da vida.

Ler as Escrituras, sem dúvida, modificou-me. Além da oração, é o melhor hábito diário que já adquiri em minha vida.

Advogado Judeu Encontra o Messias

Isaac Swartberg
Pretória, África do Sul

Sou advogado e fui criado numa fazenda do Transvaal, África do Sul, como filho de pais judeus ortodoxos, em ambiente extremamente formal. Nos anos de 1950, desposei uma garota judia, porém alguma coisa faltava em minha vida. Ainda que soubesse que havia um Deus, eu na verdade não o conhecia. Freqüentava a sinagoga regularmente e procurava manter minha casa dentro dos preceitos ortodoxos, contudo acabei por abandonar tal prática. Meu casamento, infelizmente, terminou em divórcio.

Então, num dia miraculoso, conheci minha atual esposa, Edwina. Logo descobri que era mórmon, mas não dei muita atenção a isso. Com o passar do tempo, compreendi que a amava mais do que a própria vida.

Mas, o que fazer? Podem imaginar os problemas causados em minha família pelo fato de eu namorar uma gentia. Assim, decidi que deveria investigar a religião mórmon durante seis meses e depois Edwina investigaria o judaísmo por seis meses, e tudo estaria solucionado. Nós seríamos judeus. Jamais esquecerei o sorriso de Edwina ao dizer:

— Pois investigue, e depois veremos.

Durante os meses seguintes, passei muitas horas solitárias, lendo e preocupando-me.

Por acaso, em certa madrugada por volta de duas horas, peguei a Bíblia. Ocorreu-me um pensamento. Dei-me conta de que conhecia o Salmo 23 muito bem, mas que nunca havia lido o Salmo 22. Ao iniciar a leitura, de súbito a mente se me aclarou. Davi descrevia a crucificação em toda a sua terrível magnificência muitos anos antes de ocorrer:

"Abriram contra mim suas bocas, como um leão que despedaça e que ruge.

"Como água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas.

"A minha força se secou como um caco, e a língua se me pega ao paladar; e me puseste no pó da morte.

"Pois me rodearam cães: o ajuntamento de malfeitores me cercou, traspassaram-me as mãos e os pés.

"Poderia contar todos os meus ossos: eles vêem e me contemplam.

"Repartem entre si os meus vestidos, e lançam sortes sobre a minha túnica.

"Mas tu, Senhor, não te alongues de mim: força minha, apressa-te em socorrer-me." (Salmo 22:13-19)

Lendo isto, eu soube tão certo como eu vivo, que Jesus era o Messias! Podem imaginar o que significou para mim? Durante os próximos três meses, fui descobrindo que todos os meus conceitos estavam errados.

Minha vida inteira mudou e cheguei a uma única conclusão: Eu estava errado. Com o conhecimento de que o Messias havia vindo, comecei a procurar a sua igreja. Li o Livro de Mórmon a sério. Sim, ele fora escrito "para convencer ao judeu e ao gentio de que Jesus é o Cristo."

Enquanto lia, eu orava. O Santo Espírito manifestou-me a veracidade do Evangelho. Procurei Edwina e disse-lhe que desejava ser batizado. Mais tarde, casamo-nos. Agora, aos quarenta e um anos, sirvo no sumo conselho da Estaca Tansvaal. Em toda a minha vida, jamais encontrei tanta satisfação e propósito como agora.

O Que as Escrituras Falam a Respeito do Jejum

Robert J. Matthews

Quando o estômago se põe a protestar em meio à reunião de jejum e testemunhos, a gente provavelmente não considera o jejuar como um regozijo, no entanto, é tal qual tem sido descrito nas Escrituras: "Na verdade, isso é jejum e oração, ou, em outras palavras, regozijo e oração." (D&C 59:14) Regozijar-se quer dizer exprimir alegria, e esta é a razão da existência humana. (II Néfi 2:25) Jejuar, então, é uma atividade que nos faz retornar ao estado existencial para o que fomos criados.

Nossa capacidade de regozijo no domingo de jejum ou qualquer outra hora que decidimos jejuar, depende de diversas coisas. Uma delas é o propósito do jejum.

POR QUE JEJUAR?

As Escrituras dão muitas razões para o jejuar. Jesus explicou aos discípulos, quando estes foram incapazes de expulsar um demônio de certo sofredor, que há um nível de força espiritual obtido unicamente "Pela oração e pelo jejum". Mateus 17:14-21)

Os filhos de Mosiah relataram que, durante a sua missão entre os lamanitas, "tinham-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso tinham o espírito de profecia e de revelação, e quando ensinavam faziam-no com poder e autoridade de Deus." (Alma 17:3) Alma, que obti-

vera um testemunho básico da veracidade do Evangelho na época de sua conversão testificou que, mais tarde, jejuou e orou durante muitos dias, a fim de poder conhecer a veracidade de certos pontos da doutrina do Evangelho. O testemunho foi-lhe dado "pelo Santo Espírito de Deus", o qual concedeu-lhe também "o espírito de revelação". (Alma 5:44-47)

Jejuar ajuda a desenvolver o auto-domínio e a disciplina, como se nota nestas expressões: "... humilhava a minha alma com o jejum..." (Salmo 35:13), e "...castiguei com jejum a minha alma..." (Salmo 69:10)

O Profeta Amalequi vinculou a salvação ao jejum, quando exortou o povo a continuar a "jejuar, orando e perseverando até o fim, e, assim como vive o Senhor, sereis salvos." (Omni 26)

Porém, a razão mais importante de todas para o jejum é ser um mandamento do Senhor, dado numa revelação moderna: "Também vos dou um mandamento de que continueis em oração e jejum de agora em diante." (D&C 88:76)

QUANDO JEJUAR.

O jejum é quase sempre lembrado concomitantemente com serviços de adoração (Moroni 6:5; 3 Néfi 27:1; 4 Néfi 12), e é nesse sentido que muitos o observam hoje em dia. Jejuam no dia de jejum designado a todos os membros de determinada ala ou ramo e doam o dinheiro economizado com a abstenção aos necessitados. Em todos os dias do Sábado, o alimento deve ser preparado de modo simples e de maneira que não deturpe seu espírito, devendo-se evitar o trabalho físico e numerosas atividades cotidianas. (D&C 59:13)

Quando são oprimidos por descrentes, os membros da Igreja podem jejuar e orar, para que o coração de seus opressores seja abrandado. Um dos mais espetaculares exemplos desses é encontrado em Mosiah, quando Alma, o pai, e os sacerdotes jejuaram e oraram "pelo espaço de dois dias e duas noites", rogando ao Senhor que curasse Alma física e espiritualmente. (Mosiah 27:22-23)

Posteriormente, quando Alma era o sumo sacerdote da Igreja, o Senhor mandou que os membros "se reunissem freqüentemente e se unissem em jejum e fervente oração" em favor "dos que não conheciam a Deus". (Alma 6:6)

A formosa rainha Ester e sua gente jejuaram três dias e três noites, para que fossem libertos dos opressivos decretos do soberano persa, e eles foram libertados. (Ester 4:16)

Cornélio fez jejum quando quis conhecer a verdade, e foi-lhe enviado Pedro para ensinar o Evangelho. (Atos 10:30-33)

Certos líderes em Antioquia jejuaram, a fim de saberem a quem deveriam chamar e designar como missionários. (Atos 13-1-3)

O jejum é mencionado em tempos de guerra e morte igualmente. Quando vitoriosos sobre seus inimigos, os fiéis nefitas "jejuaram e oraram muito e adoraram a Deus com uma alegria imensamente grande". (Alma 45:1) Mas as vitórias são conquistadas às expensas de muitas vidas, e o jejum parece ter contribuído para aliviar a dor dos enlutados e fazer a paz voltar: "... aconteceu que, depois de haverem enterrado seus mortos e também depois de alguns dias de luto, jejum e oração... começou a haver contínua paz por todo o país." (Alma 30:2) Noutra ocasião, o povo nefita "se reuniu para entragar-se à lamentação e jejuar no funeral do grande juiz superior que tinha sido morto." (Hel. 9:10)

Visto que o jejum é básico para o poder espiritual, o testemunho, auto-domínio e o bem-estar espiritual, segue-se que jejuar é básico também para se obter perdão quando pecou. Depois de o anjo aparecer a Alma, o filho, este foi forçado a jejuar por três dias, pois que não conseguia sequer abrir a boca, e foi durante esse tempo que sua alma sentiu-se extremamente perturbada e atormentada por todos os pecados cometidos. Em meio aos seus tor-

mentos, recordou as palavras do pai a respeito de Jesus Cristo e sua expiação, e este pensamento foi-se avolumando até expulsar a memória de seus pecados: "E oh, que alegria e que luz maravilhosa (viu) então! Sim, (sua) alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido (a sua) dor." (Alma 36:10-20) No tempo de sua miraculosa conversão, Paulo igualmente estivera sem comer por três dias. (Atos 9:9)

Entretanto, nenhum jejum consegue produzir resultado, quando uma coisa é contrária à vontade do Senhor. Davi jejuou e orou pela vida de seu filho, mas neste caso, a criança morreu após sete dias de enfermidade. (II Samuel 12:15-23)

COMO JEJUAR

Jesus explicou que o jejum deve ser feito sem alarde e sem querer aparentar diante dos homens que se está jejuando. "Porém tu, quando jejuares, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto. Para não pareceres aos homens que jejuas..." (Mateus 6: 16-18; ver também III Néfi 13-16-18)

Paulo sugere que o jejum deve incluir abstinência de outros prazeres físicos, além de comida e bebida. (I Cor. 7:5)

A duração do jejum não é prescrita pelas Escrituras. De Moisés, diz-se que jejuou durante "quarenta dias e quarenta noites: não comeu pão nem bebeu água..." (Êxodo 34-28) Jesus também jejuou "quarenta dias e quarenta noites (e) depois teve fome." (Mateus 4:2) Em quase a totalidade dos casos em que o tempo é especificado, este se limita a dois ou três dias. As escrituras especificam que devemos jejuar freqüentemente. De modo geral, periódicos jejuns de um par de refeições ser-nos-ão mais proveitosos do que tentar jejuar dor longo espaço de tempo.

EM SÍNTESE

O Profeta Isaías colocou o assunto "jejum" com muita propriedade.

Começou por mostrar ao povo que certos jejuns deles eram inaceitáveis, porque eram feitos por motivos egoístas e hipócritas. Esse mesmo povo se queixava de que o Senhor os ignorava e não dava ouvidos aos seus jejuns. Falando pelo Senhor, o profeta, explicou o motivo:

"Eis que para contendas e debates jejuais, e para dardes punhadas impiamente: não jejueis como hoje, para fazer ouvir a vossa vos no alto.

"Seria este o jejum que eu escolheria: que o homem um dia aflija a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco, e estenda debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aprazivel ao Senhor?" (Isaías 58:4-5)

A seguir, Isaías para a explicar os motivos justos para se jejuar e dele colher resultados benéficos:

"Porventura não é este o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e despedaces todo o jugo?

"Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?"

Um jejum assim é que traz bênçãos, como melhor saúde de corpo e alma, resposta a orações, e orientação nas coisas temporais e espirituais:

"Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor será a tua retaguarda.

"Então clamarás, e o Senhor te responderá: gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui: se tirares do meio de ti o jugo, o estender do dedo, e o falar vaidade;

"E se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita: então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia;

"E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam." (Isaías 58:6-11)

Na verdade, este catálogo de bênçãos ofertadas aos que jejuam pelas razões justas, na hora oportuna e da maneira correta é motivo de regozijo.

Humor Mórmon

A família costuma sentar-se junta durante as reuniões sacramentais, mas, às vezes, à embaraçoso, porque acontece de papai cochilar. Certo dia, ele lutou uma batalha inglória e, finalmente, dormitou de queixo no peito e cabeça inclinada. Minha irmazinha, numa idade suscetível, cutucou o pai, dizendo:

— Papai, ainda não é a hora da oração.

Ronnalea Jones

Terminada a lição sobre ajudar os nossos avós, a garotada de minha classe de três anos da Escola Dominical acomodou-se em torno da mesa e se pôs a confeccionar presentinhos para os avós. Perguntei a um dos meninos quando pretendia dar o presente ao avô e ele respondeu, tristemente, que o avô estava no céu. Então, indaguei:

— E a sua vovó, ela está aqui na terra?

— Não, — respondeu-me, — ela está em Santos.

Fazendo um estudo para o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, o estudante, olhando criticamente a plantação de certo agricultor, observou:

— Eu ficaria surpreso, se o senhor conseguir colher cinco toneladas de batatas desta sua plantação.

— Eu também, — respondeu o agricultor. — Aquilo são tomateiros.

Charles E. Wade

Foi uma daquelas emocionantes reuniões sacramentais. O presidente de estaca anunciara à numerosa congregação que apinhava a capela sobre a reorganização de duas alas, transformando-as em três. A seguir, repetiu diversas vezes os novos limites, a fim de eliminar quaisquer dúvidas. Depois, passou a anunciar o nome dos componentes dos três novos bispados. Foi uma longa e emocionante reunião. Até mesmo nossa garotinha de seis anos sentiu o impacto. Ao sairmos da capela, ela perguntou, apreensiva:

— Paizinho, nós ainda somos mórmons?

Sra. J. Gary Sheets, Holladay Utah.

Uma diretora de acampamento estava comprando alguns equipamentos de campismo, quando deu com uma bússola com um espelho no lado de trás. Intrigada, perguntou ao vendedor para que servia.

— Bem, — explicou este, — é realmente muito prático... é só olhar pelo espelho e a gente sabe quem se perdeu.

Pensei ter mandado você por um elefante em cada ponta!

O Presidente Heber J. Grant conta o caso de certo irmão que, sendo chamado para falar, dirigiu-se ao púlpito de peito inchado e atitude arrogante. Ao encarar a congregação, sua cabeça ficou em branco, não soube mais o que ia dizer, sendo obrigado a voltar para o seu banco, humilde e submisso. E comenta o Presidente Grant: "Houvesse aquele irmão subido ao púlpito como desceu, poderia ter descido como subiu."

San Carlos, Arizona.
Joseph M. Flake

Um presidente de estaca telefonou a um de seus membros, a fim de obter uma informação importante. Quando uma voz obviamente infantil atendeu ao telefone, o presidente perguntou se não havia mais ninguém em casa. A criança respondeu.

— Meu irmão está aqui.

— Então, por favor, quer chamá-lo para mim?

Após alguma demora, a criança voltou ao aparelho e disse:

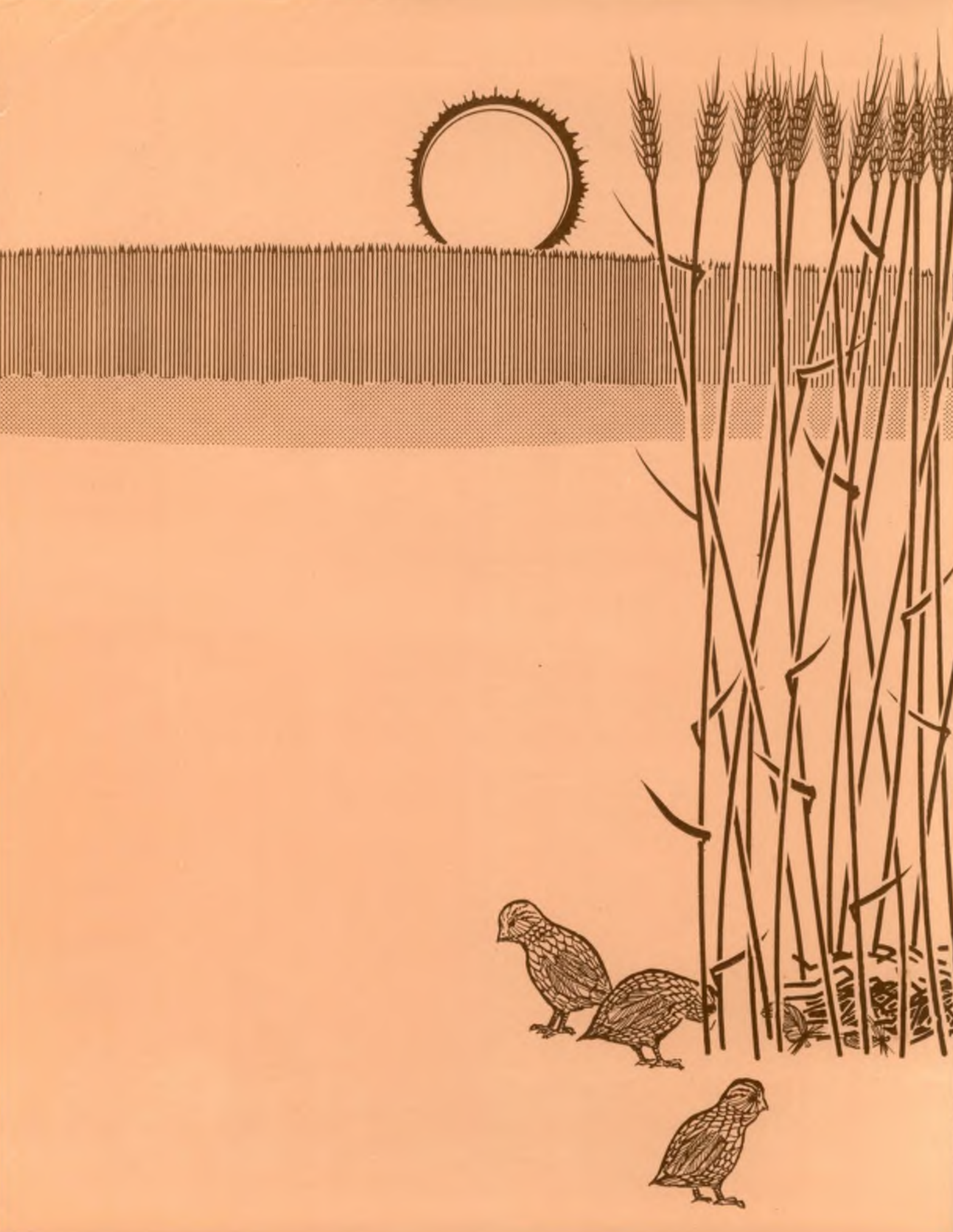
— Ele não pode vir atender.

O presidente, já um tanto nervoso, indagou:

— Por que não?

E a vozinha do outro lado explicou:

— Porque eu não consigo tirá-lo do berço.

Cidade de Lago Salgado, Utah
Douglas C. Bennion

É tão fácil ser uma pessoa equilibrada. Basta esquecer as dificuldades tão depressa como as bênçãos.